

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

TAYNÁ CELEN PEREIRA SANTOS

A ESCREVIVÊNCIA COMO *LITURATERRA*

Belo Horizonte
2022

TAYNÁ CELEN PEREIRA SANTOS

A ESCRIVÊNCIA COMO *LITURATERRA*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Maria RosaVieira Luchina

Belo Horizonte
2022

150 Celen, Tainá Pereira Santos.
C393e A escrevivência como lituraterra [manuscrito] / Tainá
2022 Celen Pereira Santos. - 2022.
107 f.
Orientadora: Márcia Maria Vieira Rosa Luchina.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise - Teses . 3. Literatura – Teses . I. Vieira, Márcia Maria Rosa. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE TAYNÁ CELEN PEREIRA SANTOS

Realizou-se, no dia 01 de julho de 2022, às 11:00 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *A escrevivência como lituraterra*, apresentada por TAYNÁ CELEN PEREIRA SANTOS, número de registro 2020653898, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Márcia Maria Vieira Rosa Luchina - Orientador (UFMG), Prof(a). Constância Lima Duarte - Coorientadora (UFMG), Prof(a). Fábio Santos Bispo (UFES).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Santos Bispo, Usuário Externo**, em 05/07/2022, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Maria Rosa Vieira Luchina, Servidor(a)**, em 07/07/2022, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Constancia Lima Duarte, Professora do Magistério Superior**, em 12/07/2022, às 22:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1561929** e o código CRC **B5A1D774**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Iansã pelo cuidado, força e pela certeza de que haverá luta, dança e o frescor dovento. Oxóssi por guiar o ôri-flecha.

Às mulheres negras e indígenas que me antecederam e abriram caminhos.

À minha mãe pelas grafias-desenho que inspiraram e inspiram criações. Pelo incentivo e apostanos estudos, pelo amor e pelas transmissões do que de mais importante há na vida.

Ao meu pai por me ensinar a cidade grande.

À minha madrinha pela casa e peito aberto em momentos difíceis.

À Christiane Matozinho por me fazer encontrar as letras para as escritas do impossível.

Ao Ações Afirmativas e ao Pretos na Pós, grupos me ajudaram a sustentar a entrada nomestrado.

À Aline Martins, Andréa Guerra, David Moreno e Pedro Donizete pelos espaços de acolhida ediscussões profícuas.

À Conceição Evaristo por me mostrar o alcance das invenções e que nunca estaremos sozinhas.

Aos amigos de dentro e fora da universidade.

À banca de qualificação e de defesa por todas as inegáveis contribuições no início, no meio e naconclusão desta pesquisa.

Ao Otávio por ser ponte de subida.

À Thay pelas leituras e escritas afetivas.

Na autoria
desta nova história.
E neste novo registro
a milenária letra
se fundirá à nova
grafia dos mais jovens.

Conceição Evaristo

Santos, T. C. P. (2022). *Escrevivência como Lituraterra*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMO

Com este trabalho proponho pensar a escrevivência como uma *Lituraterra*. A partir do peculiar manejo da escrita feita por Conceição Evaristo, a escrevivência, foi possível notar o que para além da literatura, haveria uma dimensão de gozo que se aproximava da compreensão da literatura proposta por Jacques Lacan em 1971. A dissertação se assenta, portanto, sobre o conceito de letra, suas pistas em Freud e formalizações em Lacan, desde a década de 1950, quando pela primeira vez o termo apareceu como conceito, até o artigo *Lituraterra* contido nas elaborações da década de 1970. Conforme a estruturação da pesquisa, os objetivos propostos se distribuem pelos capítulos da dissertação. Desse modo, conceituo a escrevivência a partir de seus lugares de nascimento e de seus subtextos. Me proponho a uma incursão teórica pelo conceito de letra no ensino de Lacan, para com isso, operar com as noções propostas em *Lituraterra* aplicadas à escrevivência evaristiana, relançando-as no campo da política. E, verificando, assim, a hipótese inicial de que a *Lituraterra* se aproxima do manejo da escrita na escrevivência.

Palavras-chave: psicanálise; escrevivência; lituraterra; gozo; racismo; política.

ABSTRACT

With this work I propose to think of *escrevivência* as a *Lituraterra*. From the peculiar handling of writing made by Conceição Evaristo, the *escrevivência*, it was possible to notice that, in addition to literature, there would be a dimension of *jouissance* that approached the understanding of literature proposed by Jacques Lacan in 1971. The dissertation is based, therefore, on the concept of letter, its clues in Freud and formalizations in Lacan, from the 1950s, when the term first appeared as a concept, to the article *Lituraterra* contained in the elaborations of the 1970s. the proposed objectives are distributed by the chapters of the dissertation. In this way, I conceptualize the *escrevivência* from its birthplaces and subtexts. I propose a theoretical incursion into the concept of letter in Lacan's teaching, in order to operate with the notions proposed in *Lituraterra* applied to evaristian *escrevivência*, relaunching them in the field of politics. And, thus, verifying the initial hypothesis that *Lituraterra* approaches the handling of writing in *escrevivência*.

Keywords: psychoanalysis; *escrevivência*; *Lituraterra*; *jouissance*; racism; policy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A ESCRIVIVÊNCIA	16
2.1 Os lugares de nascimento.....	16
2.2 Os subtextos.....	19
2.2.1 O despertar do sono injusto	20
2.2.2 O marco teórico	27
2.2.3 As relações com as obras de Clarice Lispector e de Frida Kahlo	34
2.2.4 Racismo estrutural e mercado editorial.....	37
2.2.5 A busca da palavra certa.....	43
2.2.6 A escrita maldosa.....	44
3. A LETRA.....	48
3.1 Soletrar a letra	48
3.1.1 A letter, a litter	48
3.1.2 A insistência da letra.....	52
3.1.3 O traço da escrevivência	60
3.1.4 A leitura e a escrita na escrevivência	64
3.1.5 <i>Lituraterra</i>	68
4 A ESCRIVIVÊNCIA COMO <i>LITURATERRA</i>	74
4.1 A escrevivência acomodando os restos	75
4.1 Das histórias de ninar às histórias de despertar.....	81
4.2 Uma escrita de litoral	91
PENSAMENTOS PARA CONCLUIR.....	96
REFERÊNCIAS.....	100

1. INTRODUÇÃO

A tese doutoral intitulada *Espectros de Batepá: Memórias e narrativas do Massacre de 1953 em São Tomé e Príncipe*, da portuguesa Inês Nascimento Rodrigues, defendida em 2019 na Universidade de Coimbra, partia, inicialmente, do estudo do legado colonial na literatura são-tomense, porém, a surpresa da pesquisa empírica foi a de que, na obra das poetisas Alda Espírito Santo e de Conceição Lima, haviam sim diversas referências ao massacre citado, mas, também ao passado colonial, que se colocavam de maneira constante e circular, manifesta na figura do fantasma e do espectro, o que acabou por revirar a temática inicial deste estudo.

Lendo a pesquisa, chamou minha atenção o manejo da fantasmagoria como recurso contra a opressão, forçando a entrada do que havia de invisibilizado e esquecido. No arquipélago, o fantasma é uma figura que irrompe do passado para o presente e o futuro, com direito próprio e com capacidade de intervir na vida das pessoas. Do ponto de vista mais geral, este é também um dos fantasmas que assombram Portugal, incidindo como uma narrativa que ainda tem lastro, pois questiona a ideia de que o colonialismo português tenha sido mais pacífico e harmônico que outros. Neste sentido de invisibilidade e de silenciamento, o massacre ocorrido em 1953, anos antes da eclosão das guerras coloniais, é um fantasma que paira sobre esse passado incômodo, mostrando como um recurso à violência física e simbólica não foi uma exceção no domínio português. É também um trabalho sobre a memória fantasmática do massacre em São Tomé e Príncipe, celebrada, contada e recontada lá, mitificada, o que leva a crer em um fantasma metafórico, mas também literal, apontando, então, para o fato de que o massacre é rememorado performativamente por ação dos fantasmas, dos espectros, como por exemplo o Senhor 99, espírito de um sobrevivente do

massacre e curandeiro.

No tocante à produção literária de escritoras e escritores com origem em países colonizados, Frantz Fanon fala algo importante em sua intervenção no *1º Congresso dos Escritores e Artistas Negros de Paris*, 1956. Na ocasião, ele pensa as evoluções do racismo desde seu surgimento no colonialismo até como técnica publicitária, o que ocorreu com o *blues*, conhecido como o lamento dos escravos negros ou o banzo, apresentado como uma opressão estilizada que agrada ao explorador e ao racista, chegando a afirmar que “sem opressão e sem o racismo não haveria o blues” (Fanon, 1956, p. 51), e conclui que o racismo mina e remodela a cultura que o pratica, esteja essa produção artística se propondo a atacá-lo, ou a banalizá-lo.

Aqui no Brasil, não faltam exemplos literários de escritoras e escritores que tratam das heranças da colonização e do escravismo, a citar como exemplo Carolina Maria de Jesus (1914-1977) que em seu livro mais famoso *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960, trata de seu cotidiano como catadora de papéis na favela do Canindé, zona norte de São Paulo. Mas, há muitas escritoras antes de Carolina e depois dela, cito também Solano Trindade (1908-1974), Carlos de Assumpção (1927), Oswaldo de Camargo (1936), Oliveira Silveira (1974), Adão Ventura (1939-2004), Alzira Rufino (1949), Cuti (1951), Éle Semog (1952), Miriam Alves (1952), Esmeralda Ribeiro (1958), Lima Barreto (1881-1922), Elizandra Souza (1983), Nina Rizzi (1983), Daisy Serena (1988), Tatiana Nascimento (1981), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Machado de Assis (1839-1908), Geni Guimarães (1947), Mel Duarte (1988), Conceição Evaristo (1946), entre outras e outros.

Dentre essas, destaca-se a escritora e doutora Maria da Conceição Evaristo de Brito ou apenas Conceição Evaristo que, nascida em uma favela de Belo Horizonte, começou a publicar seus escritos tardiamente, aos 46 anos e, em 2018, competiu por uma cadeira na

Academia Brasileira de Letras, ABL. Ela é criadora do conceito de escrevivência, citando-o pela primeira vez enquanto neologia de “escrever”, “viver” e “ver” em 1995, na ocasião de sua dissertação de mestrado, e, nas oportunidades que tem, afirma que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020b, p. 20).

Na obra evaristiana, fui recolhendo que escrevivência tinha um peculiar manejo da letra. Isto pela temática recorrente de vidas negras no protagonismo da cena, pela maneira de abordá-las distante dos estereótipos comuns na literatura canônica brasileira, e diante da própria autoria advir de uma mulher negra e periférica, bem como a lucidez de todos estes processos operantes neste modo de escrita que ao mesmo tempo em que parte da singularidade da escritora, aponta para o que se estende às vidas negras brasileiras, ramificando-se no político. A ideia de que estes subtextos da escrevivência tratam do que não houve de pacífico e harmônico na colonização portuguesa e de que, nos dias de hoje no nosso país, ainda vivenciamos suas incidências, levaram-me a pensar que a maneira com que Conceição Evaristo mobiliza a escrita faria face a algo do impossível de dizer, algo do gozo.

Então, parti da hipótese de que haveria uma aproximação entre a escrevivência e a letra, por causa dessa face de bordejamento do real que a escrevivência me parecia fazer. No ensino de Lacan, o conceito de letra que me oferecia uma melhor elucubração era a definição encontrada em *Lituraterra* (Lacan, 1971/2003b), pois ela chegaria perto de uma leitura da operação da escrevivência para além da literatura.

A metodologia desta dissertação parte do pressuposto de que há profícuas articulações entre psicanálise e obra literária. Desde Freud, esse encontro vem gerando diversos caminhos de trabalho, o que parece estar na esteira do que se matricia a partir da indissociabilidade entre a psicanálise como prática e como teoria. Isso não se encerra em Lacan. Mandil (2003),

destaca a eventualidade de um Lacan “pensador da cultura”, que não pode ser separado do Lacan clínico, mesmo porque os apuros gerados pela experiência analítica é que conduzem a atenção dele para obras literárias como a do escritor, também colonizado, James Joyce. Lacan e comentadores forneceram avanços teóricos à contribuição científica inédita de Freud que, por sua vez, marca uma posição ético-política quando inclui a noção de que o sujeito é produto e produtor da rede simbólica que caracteriza o meio em que o cerca. A criação de novos saberes, de modalidades de sintoma, de arte e de escrita.

A escrevivência também é uma ferramenta metodológica, uma estética e um gênero literário e, atualmente, percebo que muitas pesquisas têm adotado tal metodologia. Cada uma à sua maneira, o que me parece estar ligado ao fato de a escrevivência potencializar uma trajetória decolonial na construção de um saber científico antirracista, sem distanciamentos e neutralidades, uma vez que nunca se trata de algo externo a quem o faz. Além disso, a escrevivência como metodologia de pesquisa pode ser compreendida enquanto um elemento efetivo de modificação social. Percebe-se que nestes tempos a pesquisadora ou o pesquisador está mais integrado ao seu objeto de pesquisa, ao menos de maneira cada vez mais reconhecida, declarada e afirmativa, o que parece estar de acordo com Lacan (1965-66/1998a), em *A Ciência e a Verdade*, ao afirmar que o sujeito está em uma exclusão interna ao seu objeto. A escrevivência se localiza também ao lado das escritoras e feministas negras que versam sobre a importância da escrita para nós.

Enquanto ferramenta epistemológica, a escrevivência ajuda no enfrentamento ao racismo por ela dar corpo à memória das pessoas pretas que viveram e vivem ainda hoje, caminhando em sentido oposto ao dos estereótipos que se aderem à pele dos subalternizados socialmente. É, portanto, uma estratégia de insurgência política e cultural, já que permite à leitora e ao leitor brasileiros, alheados de uma herança de representação das diferenças sociais

e raciais em nossa cultura brasileira diversa, letrar-se um pouco sobre sua branquitude e sobre o que é ser negro no Brasil.

Assim, fiz uma pesquisa teórica a partir do conceito de letra na psicanálise, mas também, fiz minha escrevivência, ao aproximar o texto de mim.

No primeiro capítulo, tratarei da escrevivência propriamente dita sob o ponto de vista de sua própria criadora, em diálogo com comentadoras e com a psicanálise. Parto do escrito *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita*, no qual Conceição Evaristo nos apresenta a origem da sua escrita a partir do seu quintal. E não é arbitrária minha escolha por esse texto, uma vez que nele é possível encontrar a escrevivência em sua forma mais lúcida e autorreflexiva, pois esse texto e o *A escrevivência e seus subtextos*, também de Conceição Evaristo, compõem, junto às falas orais da escritora, o que há de mais fascinante e denso em se tratando do nascimento, amadurecimento e vida da escrevivência.

O segundo e o terceiro capítulos estarão contidos no objetivo geral de localizar no ensino de Lacan, os principais textos sobre a letra, sejam eles de formalização do conceito ou de aplicação dele em articulação com outras noções e conceitos. Isto, a fim de verificar a hipótese de que a versão de literatura proposta por Lacan (2003b), em *Lituraterra* se aproxima do que Conceição Evaristo em ato, traça em sua escrevivência.

Este segundo capítulo, precisamente, cumprirá o objetivo específico de rastrear o conceito de letra a partir do ensino de Lacan e suas pistas em Freud. Ao longo do ensino de Lacan, encontro diversos usos para a letra, porém, para dar mais objetividade a este trabalho privilegiarei o uso conceitual. O conceito de letra tem sua importância, a meu ver, enquanto recuperação de várias ideias trabalhadas pela psicanálise, eu diria algumas das mais basilares, uma vez que desde o começo do campo freudiano encontramos na psicanálise uma

coextensão ao campo da palavra. Além disso, pelo conceito possibilitar uma leitura da arte literária, tão enaltecida por Freud, cria o contexto para uma interface criativa e fomentadora de avanços para a teoria psicanalítica.

Partirei da investigação teórica do conceito de letra a partir dos anos 1950, quando Lacan, sob o aforismo do inconsciente estruturado como uma linguagem, compreende a noção de inconsciente envolta pela cadeia significante. O itinerário começa com *O seminário sobre "A carta roubada"*, escrito em 1955 e publicado em 1957, mesmo ano de publicação do artigo *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. Se no primeiro, encontro em foco uma natureza da *lettre* (carta ou letra), que ultrapassa sua aparente função de transmitir e transportar a mensagem, no segundo há o escurecimento, não antes feito, da formalização do conceito, principalmente como a verdade freudiana, descoberta do inconsciente. Vale dizer que antes destes textos publicados em 1957, mesmo com um aparecimento comum, "letra" comparecia no ensino de Lacan apenas enquanto termo, enquanto conceito ainda não.

Sem dispensar *O seminário: a identificação* (1961-62/2003d), pela sua base na relação entre traço e letra, signo e significante, quero evidenciar, além da articulação do pensamento lacaniano com conceito de letra, algumas reflexões para a escrevivência com seu traço. Isto, mesmo que aqui não tenha havido uma rotação do conceito propriamente dito, a demonstração das elaborações deste *Seminário*, negritando a letra, se vale mais pelos campos de interação entre os conceitos, ou a aplicabilidade da letra enquanto conceito já formalizado, mas aqui no enfoque da escrita.

Depois disso, finalizarei o percurso em *Lituraterra*, também ali no *Seminário 18: de um discurso que não fosse do semblante* (1971). *Lituraterra* está contido nas elaborações dos anos 1970, década marcada pela melhor distinção entre o campo da letra e o campo do

significante, irrestrita à literalidade e à localização da estrutura do significante, vinculada a algo da ordem do gozo: o inconsciente como letra.

Já no terceiro capítulo me dedicarei à tentativa de operar com as noções propostas em *Lituraterra* aplicadas à escrevivência evaristiana, relançando-as no campo da política, verificando a hipótese inicial.

Encontrei que a escrevivência faz uma acomodação de restos assim como propõe Lacan (2003b) quando trata da literatura de vanguarda. Ao recuperar a ideia da poética chinesa avaliada pelo psicanalista como *lituraterra*, enquanto a mão que esmaga o universal, argumento que escrevivência o faz ao ordenar o que é tido como resto da civilização ou da cultura, o que não está dentro do que é tomado como universal, evidência apreendida pelos impactos da necropolítica sobre a população negra brasileira. A escrevivência também, ao se propor despertar, do sono injusto, a branquitude, acaba por desvelar o gozo hegemônico que tem na raça o matriciamento da expansão colonial europeia, operante até hoje. Ao fim do capítulo, demonstro como a escrevivência, operando como um ideograma, contingencia o desconjuntamento do discurso colonial universalizado que imperializa a opressão interseccional e promove uma operação de subtração subjetiva e predicativa, a um só tempo.

2. A ESCRIVIVÊNCIA

2.1 Os lugares de nascimento

No escrito *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita*, Conceição Evaristo (2020a) se pergunta: “é preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso?” (p. 50); e responde ao nos apresentar os lugares da leitura e da escrita a partir de sua obra-vida. Conta que na sua infância, tudo começou com a leitura. Quando já tinha um pouco mais de autonomia, a grande oportunidade para a leitura mais assídua surgiu quando sua tia se tornou servente na Biblioteca Pública de Belo Horizonte. Para ela, a leitura e a escrita desde a sua adolescência foram uma maneira de suportar o mundo, porque lhe proporcionava a dobradiça: “fugir para sonhar e inserir-se para modificar” (Evaristo, 2020a, p. 53). A escrita, ainda, foi sua maneira de não adoecer (Evaristo, 2021). Diante disso, desfaz-se qualquer opacidade frente à potencialidade da escrita pelas mãos da escritora, com a afirmação dela de que a leitura oferece a apreensão do mundo, mas é a escrita que permite ultrapassar os limites de uma percepção da vida, apontando para sua maneira de autoinscrição no mundo. Essa pertença singular é captada desde cedo, ainda nas redações escolares, pois ali, mesmo que inconscientemente, já havia compreendido a precariedade da vida que lhe era oferecida e, aos poucos, com a tomada da consciência, compromete sua escrita com um lugar de autoafirmação de sua singularidade enquanto “sujeito-mulher-negra”. Finaliza este belo escrito, dizendo-nos que, para mulheres negras, escrever é um ato de insubordinação, em virtude do rompimento com as “normas cultas” da língua e com o material narrado, o que também não se dispersa do traço da escrevivência.

No Seminário IX, *A identificação*, precisamente na lição de 20 de dezembro de 1961, Lacan parte da questão sobre a origem da escrita lendo James F evrier em *L’histoire de*

l'écriture, a partir das formas de escrita empregadas até hoje no ocidente, o psicanalista conclui que tudo que encontrou recai sobre a ideia de que o humano tem uma missão vocal como falante. Já na lição de 20 de dezembro de 1961, Lacan, a partir da leitura de James F evrier em *L'histoire de l'écriture*, debruça-se sobre a questão da origem da escrita, cujas formas ainda hoje são empregadas no ocidente, concluindo que o humano tem uma missão vocal como falante. Essa ideia se estende e, ao aprofundar-se mais nessa observa o, Lacan compreende que até mesmo as costelas de antílopes encontradas nas pinturas rupestres e todas as outras arquiescritas não se encerram numa mera abstra o, uma vez que se tratam, na verdade, de traços figurativos e, por isso, ideogram ticos. No entanto, designam-se como um figurativo apagado, recalcado, rejeitado e o que fica   localizado como da ordem do traço unário como distintivo, desempenhando o papel de marca e criticado em seu alcance real, na medida em que a escrita foi aprendendo a funcionar enquanto escrita ou sendo fonetizada.

Finalizando essa aproxima o entre escrita psíquica e visível, afirma que o que representa esse advento da escrita enquanto tal parte de algo que já estava lá, mas que somente agora, sendo nomeada, pode servir como suporte do som no que diz respeito aos nomes próprios ligados a esse traço de referência   escrita. Isso importa aqui, porque a escrevivência tem esse acento sobre o nome próprio de quem escreve, por já pressupor esse traço único como opera o inconsciente, metáfora sólida das escrituras, ao mesmo tempo em que também não se encaixa nos g neros das escritas narc sicas¹ - o autobiográfico, da escrita de si foucaultiana, na autofic o doubrovskyana, entre outras – na justa medida de abranger uma dimensão política.

A psicanalista Vieira (2002), ao se debruçar sobre a extra o de Deleuze da obra do escritor Franz Kafka, como uma “literatura menor”, oriunda de um esforço inédito em rela o   uma língua estabelecida, parece estar de acordo com o que a escrevivência enlaça, no ponto

¹ Termo melhor desdobrado no t pico “Marco Teórico”.

em que a autora destaca que essa literatura indicada cria uma ramificação do individual no político.

Freud (1908/2017a), em suas investigações sobre o trabalho criativo de quem escreve, diz que a criança, ao brincar, comporta-se como uma criadora literária, ao passo que constrói para si um mundo próprio, ou rearranja o mundo numa ordem subjetiva. Ao questionar se não seria a escrita um sintoma ou uma saída para a exacerbação dos devaneios relacionados à escolha do material poético, acaba por concluir que a escrita é a realização de desejos submetidos à Lei. No que se refere à escrevivência, quando Evaristo (2020a, 2021) fala sobre a função subjetiva deste modo de escrita, parece exprimir a aproximação freudiana entre o brincar e o escrever. Analogamente, o manejo da escrita a partir das malhas do desejo assevera a premissa da escrevivência como um olhar para além dos limites impostos pelas condições de vida e a autopercepção de si.

Ainda no texto *Da grafia-desenho*, Evaristo (2020a) faz um trabalho de escavar a memória as amarrações do que consegue recuperar e inventar doravante a cena de sua mãe reproduzindo um gesto possivelmente transmitido pela ancestralidade: a mãe utiliza como lápis um graveto em forma de forquilha e, como papel, a terra lamacenta sobre a qual ela se curva, dobrando as pernas e inclinando o corpo para o chão, de cócoras, para desenhar um sol e umas estrelas com as filhas do lado - a pequena Conceição e suas irmãs -, observando tudo. O gesto de Joana Josefina Evaristo Vitorino (em memória) que era lavadeira, nascida trinta e quatro anos após a assinatura da Lei Áurea, numa cidadezinha chamada Serra do Cipó, perto de Pedro Leopoldo, é nomeado de “movimento-grafia” (Evaristo, 2020a, p. 49), por se tratar da escrita que mobiliza o corpo como um todo, interpretada pela escritora como uma “impressão do desespero”, uma simpatia de invocação do sol para secar os lençóis brancos e pendurados no varal, “corda bamba da vida” (Evaristo, 2020a, p. 49) e, ainda, momento marcante para a escritora que nos conta ter aprendido ali sobre a função da urgência, da

necessidade e da esperança na escrita.

Outro lugar de nascimento da escrevivência é o ofício da mãe que demarca todo o seu crescimento, pois o contato com a leitura, com a escrita e sua educação como um todo foram guiados por essas “mãos lavadeiras” (Evaristo, 2020a, p. 50). Além desse lugar, destaca-se também a incompreensão diante das mulheres brancas e ricas as quais, segundo observava Conceição, eram díspares às mulheres negras, pois, diferente destas, aquelas não segredavam seu sangue menstrual e entregavam suas toalhinhas embebidas de sangue para as lavadeiras, o que parece indicar, enunciativamente, as posições sociais ocupadas pelas mulheres brancas e negras. Esta enunciação, corroborada por Angela Davis, em *Mulheres, Raça e Classe* (1981), faz com que tomemos conhecimento de que ao desempenhar os mesmos papéis domésticos, mudando apenas as pessoas para quem as mulheres negras trabalhavam - dos donos de escravos para os patrões - a exploração ainda se presentificava, porque, às custas da cor, a relação de trabalho não se isenta do regime da escravização e do racismo estrutural (Almeida, 2019).

Atenta, Conceição Evaristo ao “assuntar” a conversa dos adultos e adivinhar os textos escritos para as compras que lhe mandavam fazer na vendinha da favela onde morava, nos revela que exercitava sua capacidade de ficcionalizar.

2.2 Os subtextos

A pertença dos lugares de nascimento da escrevivência é esta passagem ramificada em tópicos que, alinhavados, serão desdobrados junto às elaborações de outro escrito: *A escrevivência e seus subtextos*. Para isso, teóricas e teóricos nos oferecerão chaves de leitura do que a escritora escreve, assim como a psicanálise que, quando convocada, nos oferece, também, compreensões importantes de uma transposição que Freud (2017a) chamou de

experiência jubilatória, própria aos efeitos da leitura. O objetivo desta sessão é o de compreender o ato da escrevivência a partir de sua criadora, justapondo a este meu objetivo, breves notas sobre sua vida, sem perder de vista seu tento, “talvez eu gostaria que as pessoas se prendessem menos à biografia e se ligassem mais ao texto” (Evaristo, 2021), e assim, seguimos.

2.2.1 *O despertar do sono injusto*

Em muitas dessas escritas, bem como em eventos e entrevistas, Conceição Evaristo repousa a fundação de sua escrevivência na imago da mãe preta, pois é dela que extrai sua memória e força motriz para conceber, pensar, falar e ampliar a semântica do termo. Nesse sentido, Nunes (2020) nos ensina que

se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertence também [...] pertencem, por nos apropriarmos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (p. 11).

A partir daí é possível compreender o que a escritora afirma nas oportunidades que tem, “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020b, p. 20).

Lélia Gonzalez (1984), em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, reencena o mito da democracia racial, tão comum em nosso país, a partir da figura da “mucama” que se define no dicionário *Aurélio* citado pela autora, “(Do quimbundo mu’kama ‘amásia escrava’) S. f. Bras. A escrava negra moça de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que, por vezes, era ama de leite” (p. 229). Com isso, constata que o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama, inclusive, destaca a não arbitrariedade do uso dos parênteses para designar a

primeira função, que “deve ser ocultada, recalcada tirada de cena”, o que não significa que ela não esteja aí “com sua malemolência perturbadora” manifesta na exaltação mítica da mulata definida entre os parênteses no festejo carnavalesco (p. 230). A outra função da mucama é a da prestação de bens e serviços, oposta à exaltação por estar no cotidiano do trabalho reprodutivo, sobretudo o doméstico e o de todos os cuidados com a prole branca enquanto “mãe preta”, “bá” ou “ama de leite”.

Conceição Evaristo é brasileira, portanto, colonizada. A esse respeito, Fanon (1956) fala da impossibilidade de assepsiar a produção artística do contexto histórico e político de inserção da autoria, então, darei notícia de algumas pinturas, fotografias e, posteriormente, de produções literárias que abarcam a imago da mãe preta, isto na tentativa de apreender esta imago e de compreender sua importância na escrevivência. Seguindo uma certa lógica “imagem-escritura” trarei algumas representações dela, simultâneas a sua existência histórica de maneira paradigmática, o que Fanon (1956) nos avisa ocorrer na arte, e como nos apresenta o rico estudo de Deiab (2006) sobre a fotografia-epígrafe, principalmente em seu formato oitocentista de retrato de estúdio, funda-se, ao mesmo tempo, enquanto documento e representação desse vínculo entre as mulheres escravizadas e as crianças brancas.

A pintura *A negra* (1923), considerada um dos maiores destaques da coleção de arte moderna brasileira criada por Tarsila do Amaral, retrata uma mulher preta com contornos demasiado arredondados e voluptuosos, nua e com um dos seus seios em primeiro plano.

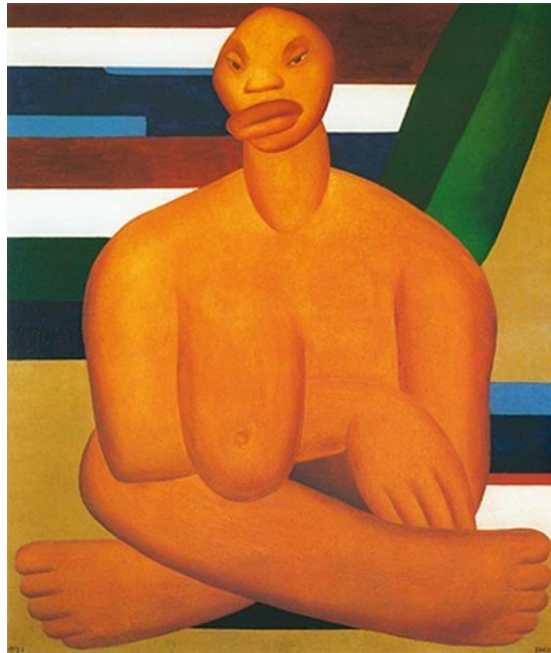


Figura (1): A Negra, 1923. Óleo sobre tela. Coleção Museu de Arte Contemporânea da USP.

Noutra pintura, essa sem autoria confirmada, vemos um bebê loiro agarrado ao braço da mulher preta, compondo “uma cena pública, uma cena privada e uma cena privadamente pública” (Segato, 2006, p. 11), sem conclusões, podendo ser um retrato a óleo de Debret retratando D. Pedro II, com aproximadamente um ano e meio de idade no colo de sua mãe preta, exibida no Museu Imperial como “Anônimo. Mucama com criança ao colo. Óleo sobre tela”, sem assinatura.



Figura (2): Mucama com criança ao colo. Óleo sobre tela. Recuperado de Segato (2006, p. 11).

As fotografias de Militão de Azevedo feitas em seu ateliê entre 1862 e 1885 cumpriam o padrão internacional da indústria retratística que se estabilizou na segunda metade do século XIX e, até mais ou menos 1880, as fotos captavam o típico quadro europeu da mãe segurando a criança junto ao seu rosto, no Brasil, entretanto, era a mãe preta que o fazia no lugar da mãe biológica. Uma curiosidade interessante sobre isso é que, como explica Deiab (2006), a baixa sensibilidade do negativo exigia um tempo de exposição longo durante o qual a criança deveria permanecer imóvel, o que fazia com que estivesse acompanhada da mãe preta por estar mais habituada a ela, diminuindo-se o risco de que o bebê pudesse ficar inquieto durante a captura fotográfica. Contudo, em meados de 1880, as composições evidenciam a paulatina intenção de esconder a figura da mãe preta que, mesmo assim, continua sustentando o bebê no seu colo para que ele seja fotografado, assim “as amas negras passam a existir nas fotografias como rastros: uma mão, um punho, até serem completamente banidas das imagens” (Deiab, 2006, p. 19). Esse fato, historicamente, parece coincidir com o deslizamento da condição, antes ocupada pela mãe preta para a de ama seca, ocasionado pelas

pressões higienistas exercidas pela sociedade médica por meio da imprensa escrita da época: “Porque ela criou o recém-nascido desde os primeiros precários momentos, a pessoa da amade-leite tornou-se a mais terrível e alarmante transmissora de doenças”, prática que foi prescindida apenas numa solução de compromisso entre a estadia das criadeiras e os cuidados com sua origem e saúde, especialmente no meio urbano. (Segato, 2006, p. 4).

Trago duas fotografias do fotógrafo, em ambas a mãe preta e a criança branca posam bem juntinhas, com seus rostos colados, conforme pressupunha o mesmo padrão importado da Europa. Na primeira fotografia-epígrafe se destacam alguns indicativos de pertença social da família que detinha a posse da mãe preta adornada com joias e com os cabelos bem presos à lá moda francesa, apoiando sua cabeça sobre a da criança também segurada junto a si.

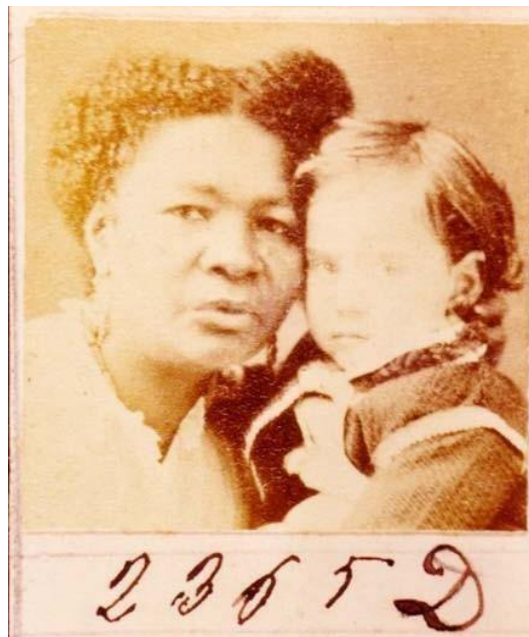


Figura (3): Fotografia de Militão de Azevedo tirada em 1870. Recuperado de Deiab (2006, p. 1)

A segunda é descrita por Alencastro (1997) como “a imagem de uma união paradoxal”, finalizando sua posição, afirmando que “Quase todo o Brasil cabe nesta foto” (p. 440).



Figura (4): Fotografia de Militão de Azevedo tirada em 1875. Recuperado de Deiab (2006, p. 4).

Na ocasião de uma conversa promovida pelo Ateliê Casa de Palavra, da Escola Letra Freudiana, ocorrido em 2020, Conceição Evaristo pergunta aos psicanalistas presentes: “Assim como a história oficial nega a saga de africanos e seus descendentes no Brasil, a literatura não conseguindo ficcionalizar essa personagem negra como fecundante, não estaria a literatura, assim como a história, ao nível do recalcado?”. Tentarei contextualizar essa pergunta e respondê-la articulando as elaborações de algumas autoras e autores que dialogam com a literatura, a antropologia e a psicanálise.

Na literatura brasileira, desde o período de escravização, é possível encontrar personagens negras em diversas obras que as representaram. Na curadoria destas obras feita por Deiab (2006), li que há um material extenso e heterogêneo de autores que pertenciam ao Barroco, ao Romantismo, ao Naturalismo e ao Modernismo. França (1996), depreendeu a partir desta literatura as seguintes personagens negras: “o negro sofredor, que se revolta com a condição de escravo; o escravo fiel, espécie de anjo da guarda do senhor e de sua família; a mãe negra, dilacerada entre a felicidade da maternidade e a tragédia do cativo; e,

sobretudo, a bela mulata” (p. 99). Segundo o autor, especialmente no romance urbano oitocentista, essas personagens eram identificadas como criados de cor, mucamas, moleques, escravos de rua, capoeiristas, negras e negros velhos e mulatas. Seus predicativos eram de caráter duvidoso e reiterativo, espreitavam a intimidade dos senhores, exerciam má influência sobre os membros da família, instilavam credices e superstições, faziam “macumbas”, eram hiperssexuais, levavam suas vidas de maneira vadia e eram responsáveis pela desordem na rua.

Por sua vez, a mãe preta era uma das principais personagens negras na literatura contemporânea à escravização e assim permaneceu na literatura pós-abolição (Deiab, 2006)²

Evidenciei diversas ambiguidades na maneira com que essa imago, na literatura brasileira é comumente descrita, naturalmente destinada à tal ofício e, mesmo que se sacrificando para desempenhar seu árduo trabalho, fazia-o de maneira devocional e afetiva; simultaneamente muito amada, bem quista, porém também acolhida como “quase” da família. Encontrei ainda que talvez tenha sido a descoberta mais marcante, a partir do que já nos havia dado notícia Evaristo (2020b) e Gonzalez (1984), em relação aos ofícios a que era submetida a mulher escravizada que tinha, não somente o seu corpo cumprindo a função escrava, mas também emprestava a sua voz, memória e criatividade no ato de contar histórias para seus filhos de leite brancos e seus futuros senhores.

Segato (2006) nos apresenta sua tese sobre o Édipo brasileiro que opera em dupla negação, da “mãe preta” como verdadeira mãe da criança branca, ocupada de todos os seus cuidados e da escravização enquanto corolário da colonização que incide sobre essa mulher.

² A partir do estudo feito por Diab (2006), é possível saber que há diversos autores que compõe este rol, há os mais famosos, Olavo Bilac mais famosos e eternizados pela crítica nacional e internacional, que publicaram em outras línguas: Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Há aqueles que receberam reconhecimento, mas não tiveram suas obras elevadas: Mello Moraes Filho, Augusto dos Anjos, Raul Bopp, Luís Jardim, Viriato Corrêa. Outros são considerados pela autora como “literalmente, ilustres desconhecidos”, que foram aqueles que regionalmente foram bem exaltados, porém não foram considerados pertencentes à literatura canônica: Luiz Delfino dos Santos, Luiz Demétrio Juvenal Tavares, Cornélio Pires, Cyro Costa, Murillo Araújo, Oswaldo Orico, Ofélia e Narbal Fontes.

Se a pergunta que Conceição Evaristo faz às psicanalistas sobre o lugar reservado à personagem negra na literatura brasileira partia do recalque, para Segato (2006), em se tratando dessa imago na escrita da memória nacional, o mecanismo incidente é o da forclusão de um desconhecimento síncrono do materno e do racial, da preta e da mãe. É também doravante essa elaboração que buscarei pensar que a escrevivência é representativa da letra enquanto *lituraterra* (Lacan, 2003b, p. 72), a partir da ausência de inscrição, de *rature d'aucune trace qui soit d'avant*³ ou desta imago que serviu à semântica da escrevivência, *c'est ce qui fait terre du litoral*⁴ ou que ela se institui como escrita.

2.2.2 O marco teórico

A escrevivência, em sua concepção primeva, inscreve-se como ato de escrita das mulheres negras, não sem contestarem a hegemonia do cânone literário nacional e a própria modalidade literária que as insere⁵, como uma ação que se propõe a borrar, desfazer a imago da mãe preta cujo “corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças” (Nunes, 2020, p. 11). A escrevivência em ato vem produzindo um corte interpretativo na literatura brasileira e, por seu traço advir de uma mulher negra, compõe a inovação de um projeto literário nacional. Além disso, a escrevivência traz algo novo para a teoria da literatura pensar no que tangem outros parâmetros não concernentes às escritas ditas narcísicas. Evaristo (2020b), cita alguns casos exemplares de escrevivências não somente feitas por ela: o documentário *Ôri* (1995), produzido pela historiadora Beatriz Nascimento, ao fazer uma ego-história, realiza uma narração fílmica amalgamada à história do Brasil; a obra de Cruz e Souza e Lima Barreto,

³ Apagamento de nenhum traço anterior (tradução livre).

⁴ Isso é o que faz terra do litoral (tradução livre).

⁵ A literatura produzida por pessoas pretas muitas vezes é abraçada pelos gêneros da Poesia Negro-Brasileira e da Literatura Afro-Brasileira, entre outras.

apesar de não estar em primeira pessoa, não se restringe à narração de dramas pessoais, mas abarcam os dilemas existenciais dos pretos daquela época; a obra *A Cor da Ternura* também é outro exemplo citado para demonstrar como a escrevivência extrapola os sentidos da escrita de si, assim como da autoficção que não explica a construção narrativa apresentada ali por Geni Guimarães, pela justa medida de que a escritora não se debruça somente sobre a própria história e costura um texto enclausurado em si mesma, mas o impregna da história de uma coletividade.

A fim de dialetizar tais modos de escrita, a escritora também traz o imaginário mítico da cosmogonia africana, que oferece um contraponto à narrativa grega de Narciso, aplicada aos modos de escrita aludidos, como escritas narcísicas. Para Evaristo (2020b), a escrevivência é uma escrita que não se reflete nas águas de Narciso, visto que o espelho de Narciso não reflete o rosto de quem a tece, tampouco se ouve o eco de suas falas, é somente no espelho de Oxum e de Iemanjá que isso se potencializa, como afirma,

Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos [...] ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas [...] nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar [...] recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual [...] O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. (Evaristo, 2020b, p. 38).

Desse modo, para melhor conceituar a escrevivência a partir de outros modos de

escrita, decomponho suas singularidades: a) extrapolação dos campos de uma escrita em torno de um sujeito individualizado; b) a demanda outra criada pela escrevivência contingencia também uma leitura outra, sabendo que a escrevivência é negra, pobre e feminina, o que não se encontra no cânone da literatura brasileira; c) a autoria confessada e a reflexão da mulher preta extrapolando um exercício isolado, portanto, atravessado pelo político; e, d) o imaginário mítico africano como contraponto ao mito de Narciso.

O traço da coletividade presente na escrevivência além de apontar para a história do Brasil ou para o político, promove a imiscuição entre a escritora e o escrito e entre a escritora e a personagem, o que leio em diversas passagens dos livros de Conceição Evaristo, cito algumas para exemplificar. Em mais uma menção autorreflexiva, esta no romance *Ponciá Vicêncio* (2017), Conceição Evaristo escreve,

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça ou como se a moça fosse eu.

Sobre outra personagem importante de sua obra, Maria-Nova, protagonista do livro *Becos da Memória* (2017), seu primeiro romance escrito,

Quanto à parecença de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que na literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta

con(fusão) não me constrange.

Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), escrito em resposta à uma provocação sobre a escrivência se tratar somente de histórias trágicas, reúne contos que versam sobre opressões que interseccionam raça, classe e gênero, porém partindo do pressuposto de que essas mulheres-personagens o fizeram apenas quando a fala já conseguia franquear as injunções de real em suas vivências. Precisamente no conto *Isaltina Campo Belo*, a escritora, nas primeiras linhas, fala que foi recebida com um sorriso de boas-vindas acompanhado de um abraço longo e apertado,

A sonoridade de nossos risos, como cócegas no meu corpo, me dava mais motivos de gargalhar e creio que ela também. E foi tudo tão espontâneo, que me recordei de algo que ali um dia sobre o porquê de umas mulheres negras sorrirem tanto. (Evaristo, 2016, p. 55)

Outra borda importante para a escrivência é a construção de personagens negros na literatura brasileira. Conceição Evaristo se propõe à empreitada narrativa de fugir aos estereótipos, à folclorização, à hipersexualização, à infantilização, à criminalização e à glorificação - véu para a desumanização, que como mostrei aqui com a pesquisa de Deiab (2006), é bastante comum, desde a literatura brasileira contemporânea à escravização. Na escrivência, esta empreitada é negritada. Os exemplos que citarei estão no livro de contos *Olhos D'água* (2016). O primeiro personagem é do “marginal” do conto *Ana Davenga*, “sujeito humano capaz de uma enorme atrocidade, mas, também capaz de viver uma bela e comovente história de amor” (Evaristo, 2020b, p. 40), outro personagem é o assaltante do ônibus no conto *Maria*, que antes de assaltar os passageiros manda um beijo para os filhos.

Uma cena presenciada por Evaristo⁶ quando ainda era professora, constantemente repetida e elevada ao título de modelo dessa escolha ficcional, é a de um traficante com arma em punho que ao ver se aproximar sua mulher acompanhada de seu filho, coloca a arma para trás do seu corpo e, se abaixando, abraça o menino. Ainda aqui, a escritora também alerta para o fato de que a escritora também parte de outra maneira de compor o corpo preto, distinto daquele encontrado nas personagens “Gabriela, Cravo e Canela” de Jorge Amado e “Rita Baiana” do livro *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, retratadas no encadeamento “corpo-natureza-sexo”⁷, o que parece concordar com o que propõe Gonzalez (1984), ao refletir sobre uma das figuras da mucama, a mulata.

Já os personagens brancos são raros, construídos e representativos em lugares de poder. No romance *Becos da Memória*, encontramos de maneira, por pouco invisível, a branquitude dona do espaço onde estava localizada a favela, porém, em grande parte das vezes apenas referida como “a voz, o mando, a carta da prefeitura com a ordem de expulsão dos moradores” (Evaristo, 2020b, p. 27). Neste romance há uma personagem sem nome, proprietária de terra, e assim é chamada, pelo poder que representa. Ali também encontramos Dona Laura, a patroa de Ditinha, todavia, quem toma a centralidade da cena é a empregada, seduzida pela joia da patroa, e a sutileza de seu gesto quando pega a “pedra verde que até parecia macia” (Evaristo, 2017, p. 99). Ditinha é situada a partir do seu desejo, tem seu estado emocional descrito, e Dona Laura aparece apenas pelos olhos da doméstica (Evaristo, 2020b). Em *Ponciá Vicêncio*, a representação do branco nos personagens também se ausenta, mas quando aparecem, personificam o poder: os donos de terra e a patroa de Bilisa que finge não ver e permite que o filho entre no quarto da empregada para sua primeira relação sexual.

Ao se questionar sobre a circularidade com que representa este elenco, a autora se pergunta “Estariam sendo construídas de forma estereotipada como as personagens negras

⁶ Pela última vez, ouvi este relato na live <https://www.youtube.com/watch?v=GMse92ubeXY&t=2179s>

⁷ Dito por Evaristo na live https://www.instagram.com/tv/CC6_NntFNXf/

aparecem na literatura de autoria branca?” (Evaristo, 2020b, p. 28). Conclui que sua escrevivência não chega a ser tão cruel e que no seu desejo narrativo não cabe o interesse em criar essa personagem. Aludindo à história do Brasil, nos alerta da hierarquização entre brancos e não-brancos (negros, indígenas etc.), engendrada pela colonização. Quando cria essa representação, o branco acaba por ocupar o lugar da crueldade, salvo um personagem no último conto de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de um homem branco que se apaixona por uma mulher preta que o acolhe junto à sua família, mas que acaba sendo deserdado pelos seus.

Assim, a escritora tem a lucidez de compreender sua escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal enquanto considera a torrente de questões sociais e existenciais ali recorrentes, guiando sua construção ficcional e reiterando sua unidade temática. Neste modo de escrita, os povos africanos em diáspora no Brasil, encontram a afirmação de sua origem, a conexão e a celebração da sua ancestralidade. Mesmo que para falar da experiência de ser brasileira, Evaristo (2020b) use o neologismo “brasileirovvida”, distingue a vivência de pretas, indígenas, ciganas, brancas, e mais, por aqui. O sentido da universalidade enlaça menos a massificação de uma assimilação abstrata e mais seu trabalho de humanizar os personagens onde outros discursos literários julgam, negam, culpabilizam ou penalizam. Na escrevivência, a humanidade é vista como pertença de cada sujeito. Isto, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser mulher ou de viver outra condição de gênero fora da heteronormatividade, tratando-se muito mais de personagens que se con(fundem) com a vida.

A filosofia da arte traçada por Jacques Rancière parte do conceito de arte originado do deslocamento decorrente do preenchimento de funções específicas determinadas pela igreja ou pelas monarquias, assentados em um espaço neutro e indissociável das funções hierárquicas, além de condicionado ao aspecto da apropriação e da desapropriação.

Argumenta o universal como singular, conflitual e paradoxal - tal como a arte - e sinaliza a necessidade de se contextualizar os critérios do belo (Rancière, 2021). Por este ângulo, enxerga que a estética acaba por se tornar um desconforto produzido por uma comunidade anônima, fazendo da arte uma indeterminação para a filosofia e do expectador um “qualquer um” suspensivo de toda norma determinada (Rancière, 1995). Colocando-se no centro que decide quem está dentro e quem está fora, o autor, para falar de suas referências, utiliza-se do gesto inaugural de Platão, que afirma que o operário deve permanecer recluso em seu ateliê, uma vez que o trabalho não pode esperar, definindo a partilha entre aqueles que podem pensar e aqueles que podem fazer sapatos⁸. Outro gesto que resgata é o de pensar que a arte está sob a legislação do sublime, que não podemos mais representar, porque há entre o inteligível e o sensível um hiato, o que na verdade é apenas uma interdição que, mais uma vez, exclui aqueles que “não podem” ser abarcados ou implicados pela filosofia, pela arte ou pela política⁹.

As elaborações de Rancière (1995) permitem pensar a arte de maneira menos supramundana, bem como alguns dos mecanismos envolvidos em seu consumo, na autorização de quem pode e quem não pode consumá-la, na definição do belo e do feio e no distanciamento entre autoria e obra. Castro-Gómez (2005), fala sobre o *punto cero*, como o ideal científico ilustrado pela distância epistemológica frente à linguagem do cotidiano - fonte de erro e confusão - tratando-se de uma linguagem universal, uma plataforma neutra de observação a partir da qual o mundo pode ser nomeado em sua essencialidade.

A escrituragem, por sua vez, ao ser identificada como uma escrita negra, pobre e feminina acaba por não se encaixar na tentativa de universalização da arte e na sua epistemologia colonial.

⁸ Declaração retirada da entrevista de Jacques Rancière à Fabienne Brugère, em 8 de janeiro de 2020, e publicada na revista Critique, Éditions de Minuit, n. 881, pp. 828–840, a tradução foi acessada pelo link <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno132/>

⁹ Idem.

A psicanálise, desde o início, já pressupunha a continuidade möebiana entre autoria e obra. Nas obras literárias de seus contemporâneos, Freud (2017a) notou que em muitos dos chamados “romances psicológicos” é possível encontrar uma peculiar tendência de o escritor moderno cindir seu Eu em Eus parciais, mediante a auto-observação e, em consequência, personificar em vários heróis as correntes conflitantes de sua vida psíquica. Lacan (1975-76/2007), em seu Seminário dedicado à obra de James Joyce, também cria a interface obra-vida, precisamente no que toca a função da escrita para este outro escritor colonizado, o que aqui só tomarei de passagem na escrevivência.

2.2.3 *As relações com as obras de Clarice Lispector e de Frida Kahlo*

Não é algo incomum encontrar diferentes relações feitas entre a escrevivência e outras obras com autoria marcadamente inconfundível, o que, inclusive, não abarca somente obras de autoras e autores afro-brasileiros. A escritora além de comentar sobre a identificação com sua obra a partir do ponto de vista do gênero e da etnia, fala sobre os leitores LGBTQIA+ que, a partir de espaços distintos de exclusão, se encontram. E ainda, traça as aproximações e os distanciamentos de Clarice Lispector e Frida Kahlo.

Num primeiro momento, Evaristo (2020b) testemunha que a escrevivência poderia se aproximar da afirmação lispectoriana de que a aprendizagem da escrita está no mundo, mas também guarda suas distâncias diante de uma outra, “escrever é dominar o mundo”, uma vez que no texto da escrevivência não se inscreve tal soberania. Por sua vez, a pintora mexicana Frida Kahlo afirma que pinta a si própria, a realidade. Aqui também pode ser observada uma proximidade cautelosa, sobretudo dentro desta ideia de um espelhamento, entretanto, para Evaristo, a semelhança entre a escrevivência e a autorreflexão de uma e de outra se distanciam mais do que se cruzam. Os distanciamentos entre as obras de Evaristo e de Kahlo

se colocam ao visualizarmos o lugar subjetivo de onde nascem as autorreflexões, além da linguagem utilizada na expressão do pensamento e com quais outros caminhos essas reflexões produzidas se imbricam.

Se a escritora é seduzida pela afirmativa de Lispector “a aprendizagem da escrita está no mundo”, com ela concorda, mas a substitui, “a aprendizagem da escrita está na vida”, isto porque foi a partir da e na dinâmica da vida que conta ter observado os primeiros traços escritos, a primeira grafia que teve como página o chão¹⁰. Sua observação do mundo lhe foi de grande valia, porém, aponta que seu mundo era demasiado comedido, “tão pouco o meu universo, que tive de aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão” e, a profundidade trazia-lhe a realidade, “a vida com suas mortes, a realidade confrontando o sonho; os sonhos moldados a ferro e fogo” (Evaristo, 2020b, p. 34).

Conclui Lispector que “escrever é dominar o mundo” e Evaristo conta não ter em sua vida a experiência de domínio algum. A última, revela-nos que a escrita lhe apareceu com a procura pelo entendimento da vida, sem nenhum domínio sobre o mundo, menos ainda sobre o mundo material. Justamente por não ter nada, a escrita lhe surgiu como necessidade de ter algum bem, alguma coisa, “E surge da minha experiência pessoal. Surge da investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha.” Tudo isso, porque a escrevivência não surge de uma ação contemplativa, mas de um incômodo profundo com o estado das coisas: “É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da experiência” (Evaristo, 2020b, p. 34).

Então, Evaristo (2020b) afirma nunca pensar a escrevivência como possibilidade de domínio do mundo, senão como pulsação antiga, que corre para si por perceber o mundo esfacelado, desde antes, desde sempre. Pergunta: “E o que seria escrever nesse mundo? O que escrever, como escrever, para que e para quem escrever” (p. 35); e parece indicar um

¹⁰ Tal como resgatado aqui em seu escrito *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*.

caminho ao afirmar que a escrevivência, antes de ser domínio é interrogação, “uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias com as nossas vidas, que o mundo desconsidera”, não se tratando, portanto, de uma abstração do mundo, e sim da “existência, para o mundo-vida”. Sua busca pela apreensão deste mundo é para que nele possa autoinscrever-se, com a justa compreensão de que a letra nela mesma não se encerra. Ao pensar sobre a sua escrevivência e de outras, se indaga sobre o ato audacioso de mulheres pretas, que rompem com os domínios impostos e se aventuram pelo caminho da escrita: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?”. Ao tentar responder, diz que

Talvez estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo (Evaristo, 2020b, p. 35).

Com Frida Kahlo, as linhas de aproximação, mesmo tênues, são existentes, principalmente diante da autodeclaração da pintora, que ao criar a sua arte se sente como se ela se pintasse e, também a realidade. Para a escritora, a escrevivência pode ser lida como se o sujeito da escrita também estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua produção, e muitas vezes, de fato, assim ocorre. Entretanto, nessa escrita de si própria, seu gesto se amplifica e, sem sair de si mesma, acaba por colher outras vidas e histórias em seu entorno. Por este motivo, a escrevivência se distancia daqueles outros modos de escrita aludidos, ela não se esgota em si mesma, mas “aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si.”

Ao pretender essas aproximações da escrevivência com o entendimento da escritora

Clarice Lispector e da pintora Frida Kahlo, sobre os significados de suas artes, lembra da também escritora, Glória Anzaldúa, norte-americana de ancestralidade mexicana, quando ela escreve sobre suas motivações para o ato da escrita. O motivo da lembrança de Evaristo deve-se ao fato de que na experiência de Anzaldúa, ela acaba por encontrar um lugar de parentesco, no qual pode se sentir à vontade para pensar os subtextos da sua escrevivência, e reproduz a fala da escritora:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Evaristo, 2020b, p. 36)

2.2.4 *Racismo estrutural e mercado editorial*

Para Evaristo (2020b), a primeira mudança no mercado editorial veio com a descoberta de que havia um público negro leitor, e a ocasião foi a Flip (Festa Literária de Paraty) ocorrida em 2016. Naquele ano em que estavam em Paraty, Ana Maria Gonçalves, Roberta Estrela D'alva, outras escritoras negras e Conceição Evaristo, Giovana Xavier liderou o manifesto que questionou a ausência de autores negros na Flip, nomeando a festa como “arraiá da branquitude”. Evaristo (2018), contou que concordou com o documento em

“gênero, número e grau” e foi um marco porque mudou o perfil da festa que, no ano seguinte ao manifesto, homenageou Lima Barreto e teve presença sem precedentes de escritores negros. Depois desta Flip histórica, o mercado livreiro se deu conta de que há um público, não somente negro, mas que lê autoria negra. Este é o primeiro aspecto destacado pela escritora.

Outro aspecto importante nas transformações do mercado editorial é o fato de que cada vez mais a sociedade brasileira tem estado disposta a “pôr o dedo na ferida e discutir determinadas questões [...] uma delas é a questão do racismo” (Evaristo, 2020b, p. 45). Uma descoberta que compõe este aspecto é a de que na sociedade a questão racial não é uma discussão reservada aos negros, não são apenas as pessoas negras que têm que buscar as soluções para o problema, alerta, “é como se quisesse que o pobre, o sujeito empobrecido, resolvesse sozinho a questão da pobreza”, e completa “hoje, ou melhor, nos últimos anos, a sociedade brasileira está sendo menos hipócrita, ao se tratar de racismo” (p. 45).

A escritora também lembra que hoje temos a Companhia das Letras, uma editora de grande porte, publicando autores como Oswald de Camargo, Carlos Assunção e, mais recentemente, prepara a publicação da obra de Carolina Maria de Jesus. Isto para enfatizar que se grandes editoras, e mesmo as de médio porte, desejarem atender a diversidade do público leitor, elas precisam diversificar o catálogo de escritoras e escritores que chegam a este público. Isto, além de promover a demonstração do vasto terreno da Literatura Brasileira, é também profícuo para as editoras, considerando a demanda de mercado, “um público de novos leitores vem buscando literaturas de autoria de mulheres e homens negros, indígenas” (p. 46). Esse mesmo interesse também se demonstra na procura pela literatura de temática homoafetiva, na qual encontramos a ficcionalização de uma autoria que parte de sua própria experiência. Evaristo (2020b) agradece a publicação de nossos veteranos, e a nossa, e aponta para esse passo inicial que pode vir a despertar o interesse de outras editoras na tentativa de

revirar a ampulheta do tempo em que a autoria negra tinha pouquíssima oportunidade de publicação.

Há um consenso em acreditar que o reconhecimento pela carreira de Evaristo veio tardiamente, assim como a sua primeira publicação - ao menos a reconhecida por ela como sua estreia¹¹ - somente aos 44 anos, em 1990, na coletânea dos *Cadernos Negros*, organizada pelo coletivo paulista *Quilombhoje*, composto de escritoras e escritores afro-brasileiros na década de 1980 (Machado, 2013). *Samba Favela* foi escrito por Evaristo quando ela tinha 14 anos, depois publicado em um diário católico da capital mineira e no Rio Grande do Sul. Nessa crônica, Evaristo descreve a ambiência de uma favela, a mesma temática de *Becos da Memória*, escrito entre 1987 e 1988, porém lançado somente em 2006.

Trilhando os caminhos editoriais de Evaristo, é possível perceber as dificuldades que teve em realizar as publicações de suas obras. *Ponciá Vicêncio* é seu primeiro romance publicado e sua obra mais difundida. A editora *Mazza*, naquela época bem menor do que é hoje, foi procurada pela escritora, “Então na verdade ela aceitou publicar, mas eu tinha que bancar. Então eu fiz um empréstimo bancário, levei mais de um ano pagando, no vermelho, e publiquei Ponciá Vicêncio”¹². A primeira tentativa de publicação de *Becos* veio no ano do centenário da abolição (1988), com uma mobilização sem sucesso do Instituto Palmares para publicá-lo, chegando à público apenas em 2006, em decorrência da repercussão favorável de seu primeiro livro, cenário para um convite da mesma editora, receptiva a mais um romance.

Depois de *Becos da Memória*, lançou a coletânea *Poemas de Recordação e Outros Movimentos*, pela editora *Nadyala*, publicação que teve que bancar integralmente, mais uma

¹¹ É notória a importância que Evaristo dá ao grupo Quilombhoje, tanto que é por um valor simbólico que considera com marco de sua primeira publicação a realizada nos Cadernos Negros. Este, chamado de “ritual de passagem pra muitos de nós”, e ainda “O dia que os críticos de literatura brasileira estiverem mais atentos pra escrever a história da literatura brasileira, querendo ou não eles vão incorporar a história do grupo Quilombhoje. Tem que ser incorporada. Na área de literatura brasileira como um todo, é o único grupo que [...] tem uma publicação ininterrupta durante 33 anos. [...] Acho que quando surgirem historiadores, críticos que tenham uma visão mais ampla da literatura, vai ser incorporada. Essa é a dívida que a literatura brasileira tem com o grupo Quilombhoje” (Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 30 set. 2010, Rio de Janeiro).

¹² Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 15 jan. 2013, Rio de Janeiro.

vez. Justifica suas mudanças de editora com o desejo de diversificar sua experiência de publicação e como uma forma de fortalecer uma editora jovem voltada à temática afro-brasileira. Se a *Mazza* de pé desde 1981 compunha a LIBRE (Liga Brasileira de Editoras), a *Nadyala* fundada em 2006 tinha como fundadora outra mulher negra escritora, também lutando por seu espaço. Pela mesma editora, publicou também a coletânea de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, tendo custeado 60% da produção e o restante por conta da editora.

Antes mesmo de ser uma escritora brasileira de prestígio, Conceição Evaristo é uma escritora negra brasileira, o que significa ocupar um lugar de importância dentro de um campo e, ao mesmo tempo, estar em uma posição subalterna no campo mais amplo da literatura brasileira (Machado, 2013). O último livro, *Canção Para ninar Menino Grande* (2020), foi lançado pela editora *Unipalmares*. Sem previsão para uma segunda edição, o acesso ao livro permanece inerte.

Convém resgatar o episódio de sua candidatura na última votação (2018) da Academia Brasileira de Letras. Ela seria a primeira escritora negra ali e mesmo com a maior campanha popular da história, perdeu. Fato curioso é que a escritora, num primeiro momento, não havia manifestado interesse em candidatar-se, no entanto, só se entusiasmou com a ideia quando foi informada por um jornalista sobre a quantidade de assinaturas que a petição havia recebido, somando 40 mil ao final. Antes disso, sequer sabia da mobilização, “Se eu entrar, não será porque escrevi um ‘Marimbondo’¹³ do Sarney, não. Eu quero entrar porque é um lugar nosso, porque temos direito”, disse em uma palestra no Salão Carioca do Livro, em 19 de maio.

A fama da frase de Juscelino Kubitschek de que é mais fácil se eleger presidente no Brasil do que vencer uma eleição na ABL não parece ser arbitrária. Na cobertura desse episódio, feita pelo *The Intercept Brasil*, acompanhamos as críticas que Conceição Evaristo

¹³ Romance que levou o ex-presidente à ABL, em 1980.

recebeu por não ter cumprido as exigências solenes e ortodoxas, regras não escritas da instituição que impõem um protocolo silencioso de corte aos eleitores. Uma candidatura vista com bons olhos se desenha antes mesmo da morte de algum dos 40 acadêmicos e do anúncio público do desejo de entrar, considera-se de bom tom que o escritor costure apoios nos bastidores da casa. “Conceição Evaristo não tinha padrinho e dispensou o protocolo” (Campos&Biachi, 2018).

Numa entrevista concedida à Carta Capital¹⁴, no ano anterior à sua candidatura, Evaristo falou da estranheza em ver uma escritora negra e reconhecida, o que se representa também no mercado editorial,

Há esse imaginário que se faz da mulher negra que samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame, dos filhos da madame. Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe.

Esta conclusiva parece estar de acordo com outra declaração da escritora para a *Intercept* quando perguntada sobre o conservadorismo e quase a inexistência de intelectuais negros na academia. “A ABL não está fora da dinâmica social de relações sociais e raciais do nosso país. Na verdade, essa formação da academia é uma formação de quase todas as instituições brasileiras. A falta de representatividade se dá em todo lugar.” Em 2010, Martinho da Vila entregou sua candidatura e cumpriu rigorosamente a etiqueta da casa. Naquele ano contou tanto com o apoio do movimento negro, quanto com o respaldo de aliados entre os componentes das 40 cadeiras. No entanto, a campanha que começou antes mesmo de anunciar sua concorrência, regada a jantares e shows datados de 2007 para cortejar

¹⁴ Disponível para acesso em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>

os eleitores, o sambista e escritor sofreu a última colocação.

Ainda que a questão racial não seja recente na ABL, o que se comprova com a certeza vivaz da branquitude de Machado de Assis, fundador da Academia em 1897 no Rio de Janeiro, por parte de muitos autores contemporâneos a ele, há semelhanças nítidas entre as candidaturas de Conceição Evaristo e de Lima Barreto, que concorreu em duas oportunidades, entre 1917 e 1921, sem jamais ocupar um dos assentos da casa.

Almeida (2019) nos mostra que o racismo é sempre estrutural. Isso quer dizer que ele é um elemento que compõe a organização econômica e política da sociedade. Tratando-se, então, de uma “manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de normalidade” (p. 15). O racismo é estrutural por fornecer o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução de formas de desigualdades e violências que modelam a vida social contemporânea.

De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. Em suma, procuramos nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade. (Almeida, 2019, p. 15)

Essa tese de Almeida (2019) sobre o racismo estrutural está de acordo com a interpretação psicanalítica de Segato (2006) a respeito do Édipo brasileiro, sobretudo na maneira com que esta proposição explica que cada sociedade tem sua própria forma de racismo, especificamente no contexto brasileiro, uma vez que esta operação cognitiva e afetiva de exclusão e violência não se efetiva sobre outro povo, mas “emana de uma estrutura alojada no interior do sujeito, plantada aí na origem mesma de sua trajetória de emergência” (p. 18). A qualidade do racismo de ser estrutural no nosso país parece um argumento forte diante das dificuldades de publicação de Conceição Evaristo, haja vista que, embora ela seja

uma escritora consagrada na literatura brasileira, sua figura permanece ausente entre os imortais eleitos pela ABL.

2.2.5 *A busca da palavra certa*

Evaristo (2020b) afirma crer que a escolha das palavras parte da subjetividade e da experiência com a linguagem de quem escreve. Exemplifica que a escrita é a imprescindibilidade de apreensão do mundo que, por mais que tentemos apreendê-lo, de nós ele escapole. E, se por via das dúvidas a compreensão dessa asserção se assemelhar à ideia de que a escrita é uma possibilidade de domínio, repete que este significante não coaduna com a sua subjetividade. Isso porque vem de uma experiência de domínio de nada, o que diz ter experimentado, distinto do campo do domínio, é o campo da busca, do desejo de apreensão, “mas nunca qualquer apreensão me deixou à vontade para viver a experiência do domínio” (p. 37). Por isso, faz uma escolha diversa: a de aproximar a linguagem escrita o máximo possível da linguagem oral, “quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário” (p. 37). Recorre ao dicionário para acordar as palavras e fazê-las se movimentarem no texto. Já quando não as tem disponível, inventa e cria seus neologismos, aglutinando umas às outras, justifica “entre o acontecimento e o dizer sobre ele, o escrever sobre ele, fica um vazio” (p. 37).

Além de sua vivência, o processo criativo da escritora tem muito da observação e da intuição, pois a composição de seus textos parte também da observação do cotidiano, seja por meio de uma cena, um momento, ou uma escuta, “observo se eu tiver a intuição, o pressentimento que posso estar diante de algum mistério, de algum milagre...” (Evaristo, 2020b, p. 41). Primeiro lhe vem a intuição, fala muito, mas conta que gosta muito de ficar “assuntando, escutando vozes, casos, o cotidiano”, e nesse sentido, assuntar pede o silêncio, “pede para que você se retire da roda e fique observando o que as pessoas estão falando” (p.

41). Então, a escrita pede para que o tempo todo seja preciso assuntar a vida. “Várias situações e elementos podem desencadear em mim um processo criativo. Escutar uma música prestando atenção na modulação da voz, ver pessoas dançando, assistir a um espetáculo teatral, escutar uma música, remexer na memória passada” (p. 41). Curiosidade interessante é saber que Conceição tem o costume de escrever ouvindo Nina Simone e que, ultimamente, passou a gostar de escrever na madrugada, em bares ou em restaurantes vazios, diz precisar do silêncio.

2.2.6 *A escrita maldosa*

Evaristo (2020b) afirma que seu texto literário não é inocente; a própria crítica e os seus ensaios são menos ainda, pois ali há um propósito político em seu sentido mais amplo. Se há uma produção, ao seu ver, que dificulta uma operação de separação entre a cidadã e a escritora é a de autoria das escrevintes. Ela própria, não faz questão de fazer este tracejo, “aqui está a escritora Conceição Evaristo e aqui está a cidadão Conceição Evaristo. Não separo.” (p. 41). A abrangência da sua subjetividade é a mesma que se presentifica no debruçar da construção de uma ficção, um texto ensaístico, uma narrativa ou um poema, “não me desvencilho, da minha condição de cidadã, negra, brasileira viúva, mãe de Ainá...” (p. 41). Essa subjetividade contamina tanto o assunto que escolhe para escrever, quanto as personagens criadas. No que diz respeito à criação das personagens, do enredo e do próprio uso da linguagem, afirma que o artesanato feito com a linguagem é o que caracteriza o trabalho da escritora e, por isso, busca com afincado zelo por este aspecto subjetivo por meio da “escolha das palavras, do modo de construção frasal, da carga simbólica levada para o texto etc.” (p. 42).

Essa tentativa de artesanato da linguagem é na pretensão de aproximar o máximo possível o texto de uma fala oral. A diligência por uma estética que se confunda com a

oralidade compõe o seu projeto literário, profundamente imbricado de sua subjetividade forjada ao longo da vida. “Quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo.” (p. 42). Isso, sem perder de vista que está trabalhando com a arte da palavra.

Aqui, retoma a instrumentalização do dicionário, para restringir seu uso mais uma vez, até a busca de termos pouco usuais, pelo gosto por formas estranhas aos ouvidos, escutadas como erros, que estão dicionarizadas, porém, como formas arcaicas da língua ou como formas populares de pronúncia. Hábito inusitado é o de ler em voz alta seu texto para escutar a sonância das palavras e das frases.

Na África, mesmo com o advento da valorização da escrita no mundo moderno e contemporâneo, a oralidade tem resistido e conseguido seu lugar de importância, sobretudo com o papel dos contadores de histórias, os griôs, que se ocupam da transmissão de saberes, no resgate das narrativas, da memória, sendo os interlocutores de uma cosmovisão negro-africana, testemunhas da memória africana (Barzano, 2009). Se vista como uma estratégia escritural, o desejo da escrevivência é o de dar corporeidade às vivências inscritas na oralidade ou às experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária (Fonseca, 2020). Nesse sentido, seguindo com a autora, a obra de Conceição Evaristo se junta a diversas outras na amplitude da diversidade de estilos e linguagens que mostram, retomam e releem o universo do “contador”, do “narrador de palavras”, da oralidade em seus infinitos aspectos. Conceição, imersa na cultura oral, recorre a mitos, narrativas populares e a histórias não contadas para, com esses recursos, enegrecer poderes e saberes impostos pela cultura europeia e mesmo pelas urgências dos discursos nacionalistas. O próprio gênero romance começa a significar uma experiência outra de criação em que o relato outorga a releitura da História, ao arrepio, e a criatividade de estratégias para traçar na cultura as vivências rasuradas e as memórias negras reprimidas.

Ainda dentro das diligências de Conceição Evaristo, salta aos olhos, o zelo na escolha dos nomes das personagens, dos títulos. E, a este respeito, Evaristo (2020b) pensa ser a linguagem a marca mais insondável e reveladora da subjetividade de alguém. Sua intenção declarada é a de criar um texto com uma linguagem que transmita o corpo autoral e, em certas obras, exprima, trace também a narradora. Tal referência ao corpo não é abstrata, trata-se mesmo do sentido físico, assim como, por exemplo, quando em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, utiliza-se de diversos artifícios a fim de proporcionar a quem lê a caracterização da entrevistadora ficcional como uma mulher negra, tal qual as entrevistadas que protagonizam os contos.

No conto *Adelha Santana Limoeiro*, precisamente quando a narradora é tomada por uma sensação de que já tinha encontrado um dia, mesmo que da cidade em que nasceu a mulher nunca tivesse saído, a narradora decide achar Adelha parecida com uma estampa de Santa Ana, santa velha, mãe de Nossa Senhora, avó de Jesus, porém após constatar que as ilustrações de santas e de santos, na maioria, são brancas, para afinar seus achados de parença resolve vê-la parecida com Santana, nome dado à santas negras, desde sua infância. Noutro, o *Rose Dusreis*, escreve um episódio na vida da dançarina em que ela ouviu de sua professora de balé que seu tipo físico não era propício para esta modalidade de dança, o que somente entenderia anos depois.

Nesse sentido é que a escritora não é inocente, indica Evaristo (2020b), “*Insubmissas* não é uma obra inocente, a partir do título do livro” (p. 42). Isso porque ali ela marca a autoria de uma mulher negra, com sua subjetividade na construção da obra.

Na epígrafe desse livro, a escritora nos dá uma conclusão brilhante, a de que inventa, sem pudor, algo na esteira do que eu já havia dado notícia sobre a con(fusão) entre escritora e personagem, caminhando feito uma equilibrista pela fantasia. Portanto, as histórias não são totalmente suas, mesmo quase pertencendo a ela. Outorga a impossibilidade do relato

fiel do ocorrido “Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso.” (Evaristo, 2020b, p. 42). Entretanto, afirma que, ao registrar essas histórias, continua no ato intencional de traçar uma escrevivência.

3. A LETRA

3.1 Soletrar a letra

Este segundo capítulo está contido no objetivo de localizar no ensino de Lacan, os principais textos sobre a letra, privilegiando seu aparecimento como conceito. Isto, a fim de perfazer um caminho até verificar a hipótese de que a versão de literatura proposta por Lacan (2003b), em *Lituraterra*, se aproxima do que Conceição Evaristo, em ato, traça em sua escrevivência.

3.1.1 *A letter, a litter*

Lacan (1957/1998b), já no início do seminário sobre *A carta roubada*, diz que a ocasião é para sustentar que a incidência do imaginário não é essencial à psicanálise, a menos que esteja relacionada e orientada por uma cadeia simbólica. Ilustra-se, então, o que brota do pensamento freudiano, a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante.

O conto de Edgard Allain-Poe, *La lettre volée*, trata do trajeto de uma carta roubada que, ao ter seu aspecto físico alterado e por se dar a ver, acaba por ocasionar todo o desenrolar do enredo de mistério, sem que se saiba o que nela está escrito. Lacan destaca três tempos na história, três olhares. O primeiro é o de um olhar que nada vê, o rei e a polícia. O segundo, o de um olhar que vê que o primeiro não vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta, a rainha e o ministro. O terceiro, o que descobre o encoberto desses dois outros olhares, para que disso quem quiser se apodere, o ministro e, depois, Dupin. Lacan afirma que o seu interesse neste conto está na forma com que os sujeitos se revezam em seu

deslocamento no decorrer da repetição intersubjetiva, apontando o automatismo de repetição, a *Wederholungszwang* de que falou Freud no princípio da insistência da cadeia significante.

Esse deslocamento entre os sujeitos é determinado pelo lugar que vem a ocupar, nesse trio, a carta roubada.

Para falar do registro do imaginário, o psicanalista parte da dimensão imaginária na comunicação, retoma os estudos de Émile Benveniste sobre as distinções entre humanos e animais e, exemplificando a comunicação entre as abelhas, com sua linguagem da dança, afirma que não está ausente no humano, em razão do uso do símbolo. Porém, essa comunicação imaginária pode ser encontrada em grupos que têm um odiado em comum, o que não é transmissível sob forma simbólica, senão na relação inefável com esse objeto.

Ao diferenciar a palavra e a fala, Freud (1905/2017b) evoca a passagem contada por Freud dos dois judeus na Galícia,

Dois judeus encontram-se num vagão de trem em uma estação da Galícia. “Onde vai”, perguntou um. “A Cracóvia”, foi a resposta. “Como você é mentiroso”, não se conteve o outro. “Se você dissesse que ia à Cracóvia, você queria fazer-me acreditar que estaria indo a Lemberg. Mas sei que, de fato, você vai à Cracóvia. Portanto, por que você está mentindo para mim?” (p. 126)

Por sua vez, Lacan (1998b), compara a passagem com o ato de esconder a carta roubada deixando-a à mostra, tal como ocorre com o chiste descrito nessa passagem. Aproveita para demarcar, nesse sentido, a diferença entre significante e *lettre* (guardando o duplo sentido da palavra francesa que significa carta ou letra). Enquanto o significante parece estar mais no campo da palavra, sendo o símbolo de uma ausência; a letra pode ser picada em pedacinhos e continuar a lê-lo, aproximando-se mais da fala, tal como no exemplo da história judaica e na descrição da qualidade de nulubiedade da carta.

Para dar mais profundidade à esta importante distinção, por vezes míope, prossigo. Milner (1995), em *Obra Clara*, opõe significante e letra, sendo que, enquanto o primeiro é sem qualidade, a letra tem fisionomia, suporte sensível, referente; se o significante é integralmente definido por seu lugar sistêmico, sendo impossível deslocá-lo, a operação literal da última deriva da permutação (exemplo irrevogável, a teoria dos discursos trabalhada por Lacan em seu livro 17, *O avesso da Psicanálise*); por essa razão mesma, o significante é indestrutível - pode, em última instância, faltar em seu lugar, mas a letra, portando sua identidade e qualidades pode ser rasurada, abolida, apagada; não se pode unir os dedos e segurar um significante, já que ele o é apenas por referência a outro, a letra é manobrável, empunhável, desloca-se por ser transmissível. Tais distinções já estão presentes em Lacan (1998b), mas conforme vai trabalhando o conceito, afina-o, o que tentarei demonstrar no início deste capítulo.

No conto de Poe, não o significante, a carta ou a letra é minuciosamente procurada pelos policiais, todavia é por seu aspecto simbólico que ela pode faltar ou despir-se de seu semblante na dispensa do imaginário.

A primeira referência de Lacan ao escritor irlandês James Joyce está neste artigo associada à sua expressão “*a lettre, a litter*” – uma carta, uma letra, um lixo – escrita no livro *Our examination round his factification for incamination of work in progress* (1929). O psicanalista joga com a homofonia destas duas palavras em inglês, para falar da carta roubada percebida como dejetos que os policiais tocam, mas nada fazem com ela por ela estar rasgada, amassada, diferente da descrição da rainha. Aqui, Lacan ressalta uma outra natureza da carta que está além da transmissão de uma mensagem, uma vez que ela cumpre sua função sem nenhum recurso ao seu conteúdo, assim como ele mesmo conclui, a carta sempre chega ao seu destino.

A crítica lacaniana evidencia as tentativas de igualar o percurso da carta ao

cumprimento de sua função mensageira. Desse modo, Lacan afirma que aquele que conseguiu encontrar a carta, Dupin, foi quem percebeu sua dupla essência ou o fato de que uma carta não está de todo do lado da mensagem. Portanto, foi somente depois de considerara carta como pedaço de papel escrito – *a lettre, a litter*, nos termos de Joyce, artesão de sua escrita de gozo – que Dupin orientou sua investigação, e acabou por encontrá-la. Como leio em Mandil (2003), a carta procurada em sua dimensão da mensagem, isto é, como elemento de um sistema significante, distancia-se de quando ela é procurada como objeto, um pedaço de papel rabiscado, cortado, destituído de seu estereótipo.

O psicanalista francês decifra a estratégia de Dupin, para além dos truques imaginários, uma vez que depois que a carta passa a estar sob sua posse, é como se o significante perdesse sua significação, “que resta agora do significante, quando já, sem lastro de sua mensagem para a Rainha, ei-lo invalidado em seu texto a partir de sua saída das mãos do Ministro?” (Lacan, 1998b, p. 43), Dupin, passa a estar também no lugar marcado pela cegueira, ali no terceiro tempo, pois, ao estar na posse da carta é o sentido dela que o possui, como afirma, “ao passarem sob sua sombra, torna-se seu reflexo” (p. 34).

No entanto, esta pergunta feita ao significante é figurada pelo *autômaton*. Todo este percurso da carta, também chamado de comunicação ou repetição intersubjetiva, ilustra, para o psicanalista francês, o conceito de repetição em Freud, trabalhado por ele no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Lá Lacan (1964/2008a), introduzirá dois aspectos diversos da repetição, o *autômaton*, associado familiarmente ao simbólico, e a *tiquê*, ligada ao real. O *autômaton* representa o aspecto da repetição de insistência automática da cadeia dos significantes, neste caso, o próprio percurso da carta, continuamente em transmissão, sem ser aberta. “*Lettre en souffrance*”, chama Lacan (1998b), num primeiro sentido “*souffrance*” é sofrimento, mas, também significa suportar, carregar, evocando paciência, persistência e resistência. Nos dois sentidos, lê-se algo da ordem da insistência, da

constância, na iminência em suspenso Trata-se de uma carta que não encontrou o seu destinatário, “o que yo enuncio, restableciendo el texto de Poe “The purloined lettre” o sea la carta que no llega [a destino], la carta prolongada en su circuito¹⁵” (Lacan, 1977, p. 25). A carta que não encontra resposta ou correspondência é localizada por Fingermann (2013), como “aquilo que do grito não se transfere em apelo, ponto de emergência do Dizer que perdura insistentemente como aquilo que não se textura nas voltas do Dito [les tours du Dit], mas a partir daí pode forjar uma escritura.”

Assim, se neste percurso da carta roubada que dispensa seu conteúdo, mas, nem por isso, deixa de cumprir sua função transmissora, encontro um dos aspectos da repetição, o *autômaton*, por seu estatuto *en souffrance*, fica perceptível que nesta brilhante e densa leitura de Lacan, do conto de Poe, há o próprio paradigma do inconsciente. Precisamente o funcionamento do automatismo da repetição, estabelecido desde Freud e, conseqüentemente, as bases da memória, da ordem simbólica e da cadeia significante.

3.1.2 A insistência da letra

A *lettre en souffrance* também é chamada de letra *in instance* e, é aqui, em *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, que Lacan formaliza o conceito.

Interessante mencionar que este artigo foi apresentado na ocasião de uma fala dele a um grupo de filosofia da Federação dos Estudantes de Letras, parecendo contingenciar uma aproximação declarada, ainda que pontualmente, mas, de fundo no decorrer do texto, sobre a importância da literatura para a formação da psicanálise, perguntando-se, inclusive, se Freud não iniciou uma *universitas litterarum* como lugar da psicanálise.

Ao tomar a letra “ao pé da letra”, Lacan trata de toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente. A letra aqui, é tomada como o suporte

¹⁵ “o que eu enuncio, restaurando o texto de Poe "A carta roubada", ou seja, a carta que não chega [ao seu destino], a letra prolongada em seu circuito.” Tradução livre.

material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem. Alerta que esta simples definição é para que não se possa restringir a linguagem às funções somática e psíquica dela, pela razão inequívoca de que a linguagem precede o nascimento do sujeito, fato que mesmo ainda sendo gerada, a criança já existe no discurso do Outro.

Ao ver que as afasias causadas por lesões anatômicas distribuem seus déficits segundo as duas vertentes da letra ou do efeito significante na criação da significação, evoca uma pista do conceito na obra freudiana, sua monografia intitulada *Sobre as afasias: um estudo crítico* (1891). Ali, Freud, médico de formação, iniciou suas investigações dos fenômenos inconscientes através do estudo sobre o campo da linguagem, porém, antes de despontar nas pesquisas metapsicológicas, seu percurso começou com o trabalho sobre o transtorno das afasias, deslocando a função da linguagem do campo anatômico para os processos mentais.

Na apresentação deste primeiro livro, publicado aqui no Brasil pela Zahar, eu soube que no interior da obra freudiana ele é uma ponte entre a neurologia e a psicanálise e que, além disso, como aponta Costa (2015), trata-se do ponto de partida para a elaboração de conceitos e ideias de uma futura teoria psicanalítica. Esse trabalho que tece críticas à neurologia da época, ao apresentar uma nova proposta sobre os distúrbios da linguagem, funda uma teoria do poder das palavras para a formação dos sintomas. Os avanços de Freud (1891/2014a) - precisamente sobre as noções de perturbação funcional, de aparelho de linguagem e de representação; as elaborações sobre as associações entre as representações; e sua pesquisa sobre o esquema psicológico da representação-palavra -, abriram caminho para a concepção do inconsciente, sedimentando a descoberta do conceito, intimamente ligada à dimensão da linguagem.

O retorno à Freud e a toda essa exposição de Lacan (1957/1998c), desse texto, é no sentido de demonstrar a estrutura do inconsciente, considerando o significante e a letra. O aprofundamento que Lacan faz na *Interpretação dos Sonhos* leva a crer que aqui ele faz uma

análise da obra, achado de Freud que parece demonstrar por “a” mais “b” que o sonho é a via régia para o inconsciente.

Ao falar sobre *O inconsciente freudiano e o nosso*, Lacan (2008a), retornando à Freud e avançando em sua leitura, percorre alguns caminhos das ciências humanas, a antropologia, a linguística e a filosofia para fazer esta distinção.

A partir da função classificatória primária de Claude Lévi-Strauss, afirma que antes que a gente estabeleça relações propriamente humanas, algumas já são determinadas por tudo que a natureza nos oferece como suporte, para o psicanalista, este suporte são os significantes que organizam de modo inaugural as relações humanas, dando-lhes as estruturas e modelando-as. Por sua vez, a linguística, cujo modelo é o jogo combinatório, tal como prevê a disposição dos significantes, também opera de maneira pré-subjetiva, sendo, portanto, a estrutura mesma que dá ao inconsciente seu estatuto. Já na filosofia kantiana percebe como é bem aproximada a hiância e a função da causa, uma vez que Kant, nas categorias da razão pura, inscreve a causalidade no quadro das relações entre a inerência e a comunidade, não sendo possível racionalizá-la porque ela ocorre à nossa revelia. Em suma, conclui que “só existe causa para o que manca” (Lacan, 1998c, p. 29), entre a causa e o que ela afeta, a claudicação se coloca.

O inconsciente foi descoberto por Freud pelas suas formações, os sintomas, os sonhos, os chistes, os atos falhos, lapsos e as lembranças encobridoras. Nestes fenômenos da ordem do não realizado e de uma temporalidade específica, nos quais se produz uma hiância, apresentam-se como um achado, ou um reachado, uma vez que ele se apresenta, mesmo estando prestes a escapar de novo, o que instaura a dimensão da perda. Em *O Inconsciente*, artigo contido na Primeira Tópica, Freud (1915/1974) apresenta na justificação do conceito – e, parece que até para a existência da psicanálise com a sua minudência do inconsciente - que sua suposição é necessária porque os dados da consciência apresentam um número extenso de

lacunas; tanto nas pessoas doentes, quanto nas saudáveis ocorrem frequentemente atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, porém, a consciência não oferece muita ajuda, ali o princípio do prazer opera, de maneira que a realidade externa perde a cena para a realidade psíquica. No inconsciente não há negação¹⁶, dúvida ou alguma certeza, esses elementos são introduzidos pelo sucesso da censura que separa o sistema consciente e o sistema inconsciente, onde só existem conteúdos investidos de maior ou menor força. Na distinção dos dois inconscientes, o freudiano e o lacaniano, Lacan (2008a) conclui que o inconsciente se manifesta amiúde como o que vacila num corte do sujeito, de onde ressurgem achados que Freud pesca o desejo, este situado pelo psicanalista francês como “metonímia desnudada do discurso em causa” (p. 34), em que o sujeito é surpreendido.

Retornando à problemática da letra, em 1957, neste momento do ensino de Lacan, percebo que no inconsciente ela insiste como a estrutura do significante.

A teoria lacaniana do significante é introduzida em “*Função e Campo*” - embora Lacan não se refira à Ferdinand de Saussure -, mas retomada, principalmente aqui, em *A instância da letra*. Sobre o encontro de Lacan com Saussure, Arrivé (2001) diz que “acontece que, cada um do seu lado, Saussure e Lacan nos fornecem uma especulação que mostra, mais além das diferenças que subsistem necessariamente, o profundo parentesco – no sentido forte da palavra das suas reflexões” (p.115), isto porque, como justifica o linguista, “o enraizamento saussuriano da reflexão lacaniana é autêntico e profundo” (p. 108).

Miller (2011) relata que Lacan chegou com a linguística a partir de Lévi-Strauss, que, por sua vez, tinha se servido das elaborações de Roman Jakobson, a fim de uma renovação e uma organização da antropologia e, detrás de Jakobson, havia a referência à Saussure, o que foi feito também por Lacan. As diferenças entre o inconsciente freudiano e o lacaniano

¹⁶ Algumas das características do inconsciente aparecem como características do pensamento e das línguas

realçam aqui, ao passo que Lacan introduz a linguística, o que ele explicou que, de alguma forma, já estava em Freud (Miller, 2011). Lacan (1970/2003c), em *Radiofonia*, chega a afirmar que Freud se antecipa à linguística e que o inconsciente é a condição para que ela exista. Voltando à Miller (2011), soube que Lacan buscava uma teoria do sentido, desde a sua tese de psiquiatria e, quando o seu ensino começou, trouxe a linguística, cito: “Portanto, ele trouxe a estrutura de linguagem – ele próprio simplificando-a para seus fins, formalizando-a, o *S* sobre *s* que figura em “A instância da letra...” – produzida pela linguística estrutural e disse: *o inconsciente tem essa estrutura.*” (p. 148). É perceptível mesmo que em Lacan a linguística saussuriana tenha vindo com o passar dos anos em seu ensino, pois apenas num escrito de 1955, no artigo intitulado *A coisa freudiana*, é que cita Saussure, afirmando-o como o criador da linguística moderna.

Pois bem, Saussure (1916/2006) introduz na noção de signo linguístico a concepção de uma unidade indissociável entre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito), como ele mesmo diz, “esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (p. 80). O signo linguístico, assim definido, tem duas características primordiais: a arbitrariedade e o caráter linear do significante. Jorge (2005) coloca o problema a respeito da indissociabilidade dos dois elementos que compõem o signo. A primeira abrange a totalidade dele, e pressupõe que o laço que une o significante ao significado é arbitrário, uma vez que entente por signo a totalidade resultante da associação de um significante com um significado, “assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante” (p. 81), fato que o linguista comprova exemplificando com a existência de diversas línguas que designam os mesmos conceitos com diferentes sons e, também com a pluralidade de significados que um mesmo significante pode ter. A segunda característica, incide na exclusividade do significante, ele sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo somente, e tem as

características que toma do próprio tempo, representando uma extensão mensurável numa dimensão somente, tal como uma linha.

Lacan (2003c), sobre a arbitrariedade do signo, disse que Saussure cometeu um lapso, uma vez que mais do que a ideia de um arbítrio que defende ao inaugurar a primazia do significante, demonstrando sua autonomia e subvertendo o algoritmo saussuriano, o que o linguista quis transmitir era mais algo da ordem do acaso ou da contingência como compreendemos na psicanálise. Já a linearidade do signo, Lacan não dispensa por inteiro, porque assume a noção de cadeia significante. Para simbolizá-la, a metáfora utilizada por Lacan (1998c, p. 504), é a de “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis”, como uma contiguidade, no entanto elenca a barra que separa os dois componentes do signo, como a barreira “resistente à significação” (Lacan, 1998c, p. 500).

O algoritmo subvertido por Lacan é a pura função do significante, na medida em que ele revela a sua estrutura. A estrutura do significante está em ele ser articulado, o que significa dizer que as unidades dele estão submetidas a duas condições: a de se reduzir a elementos diferenciais e a de seus elementos serem compostos a partir das leis de uma ordem fechada, a própria cadeia significante (Lacan, 1998c). Esses elementos descobertos pela linguística, segundo o psicanalista, são os fonemas, originados no sistema sincrônico dos diferentes pareamentos necessários à distinção dos vocábulos de uma determinada língua.

Cita a tipografia para demonstrar onde está visível estes clichês que a tipógrafa movimentamanejando a língua que presentificam o que ele chama de letra, a estrutura inerentemente localizada do significante.

Em um parágrafo um tanto hermético, Lacan (1998c) faz uma leitura comparada entre as condições estruturais do significante e a gramática, os arbítrios da constituição do significante e o léxico, também seus englobamentos constitutivos e a locução verbal. Tais aproximações apontam para a estrutura do significante ou da letra, impossível de ser

dissociada da abrangência da linguagem e, conseqüentemente, do funcionamento inconsciente.

Quanto ao sentido, que Miller (2011) nos conta que foi tão buscado desde sua tese psiquiátrica, Lacan (1998c) afirma que para o significante acolhê-lo, tanto a metonímia quanto a metáfora precisam operar. Se a metonímia é a figura de estilo que consiste na parte tomada pelo todo, sobre a metáfora, o psicanalista afirma que a poesia moderna e o surrealismo demonstraram que basta a união de dois significantes para constituí-la. Da última, brota a chamada “centelha poética”, na medida em que entre dois significantes dispostos numa cadeia significante, dos quais um substitui o outro, o oculto se presentifica metonimicamente com o restante da cadeia. Desse modo, a poeta, ao tomar uma palavra por outra, demonstra a anatomia da letra, e o corolário da leitura, em quem lê, parece se aproximar do que Freud (2017a) chamou de efeito poético ou *ars poetica*, os efeitos emocionais provocados em nós pelas criações dos escritores. Ao apontar o Eu da escritora e da leitora, na operação da *ars poética*, imagina uma operação. Partindo do efeito que os escritos provocam em quem lê, descreve como a atenuação do caráter egoísta do devaneio, por meio de variações e velamentos que cativam pela aquisição do prazer puramente estético presente na apresentação das fantasias da escritora, como a abrangência do que se escreve numa obra. Essa aquisição de prazer nomeada como “brinde incentivador” ou “prazer preliminar” é criada por quem escreve para possibilitar uma aquisição maior de um prazer advindo das liberações deste na psiquê, bem como, do desfrute das próprias fantasias de quem lê sem nenhuma censura. Lacan (1998c) completa que “é entre o significante do nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética” (p. 511), denotando, também, a subjetividade como o terreno fértil da poesia, tanto para quem a escreve¹⁷, quanto para quem a lê, a dupla face da *ars poetica* de que falava

¹⁷ O traço de quem produz a escrita, será mais bem desdobrado no próximo subtítulo que tratará de uma

Freud.

Aqui neste artigo, também, Lacan (1998c) localiza na Ciência dos Sonhos, inequivocamente, a própria letra do discurso, “em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa” (p. 513), ao passo que Freud abre com seu trabalho a via régia para o inconsciente. O sonho é um rébus, e Lacan (1998c) estipula como princípio tomá-lo “ao pé da letra”, testemunhando a instância, a estrutura literante ou fonemática em que opera o significante no discurso. Dito de outra forma, trata-se de fazer o caminho inverso à deformação do sonho, no traquejo da sequela da figurabilidade ou da imagem onírica, trata-se de traduzi-la em significante, tal como se faz com as letras na tipografia ao formar uma palavra na decifração de um rébus.

Assegura também que Freud exemplifica de várias formas que esse valor de significante da imagem não tem nada a ver com a sua significação, o que torna os livros de significados dos sonhos que vendem por aí, não aplicáveis, algo que o austríaco parece demonstrar com certas características das línguas antigas, já extintas nas de hoje. A hieroglífica com o mal-entendido a despeito da ambiguidade dos sinais e dos sonhos, a chinesa composta de material bruto, mas também a cuneiforme e a semítica, denotando uma série expressa de indeterminações. Ambas as línguas citadas por Freud (1916-17/2014b) são comparadas à própria linguagem do pensamento em seu estado tornado literal pelo trabalho do sonho, que não expressa as relações entre os componentes. Voltando à Lacan (1998c), compreendo que essa comparação é para remeter ao fato de que o sonho, com sua encenação muda, é uma questão de escrita; e o trabalho do sonho não se distancia das determinações do significante. Assim, um caractere de escrita antiga, um ideograma, um sonho ou um criptograma com a característica designada por Freud (1900-01/1996), de não serem escritas para serem entendidas, representam a legislação da letra no discurso.

É percebido que, tomando a letra ao “pé da letra”, Lacan (1998c) acaba chegando ao que chama de “razão desde Freud” e pergunta: “mas, acaso já não sentimos há algum tempo que, por ter seguido os caminhos da letra para chegar à verdade freudiana ardemos em seu fogo, que consome por toda parte?” (p. 513). Assim sendo, tentei demonstrar, de maneira até circular, que não há como não compreender que a letra é a mais pura proposição de Freud, o terreno da psicanálise, como Lacan (1998c) finaliza na mesma página, “essa revelação, foi a Freud que ela se fez, e ele deu a sua descoberta o nome de inconsciente”.

3.1.3 *O traço da escrevivência*

O *Seminário 9: a identificação*, ministrado por Lacan entre 1961 e 1962, compõe as publicações desta década, quando houve um redirecionamento em seu ensino para questões que ultrapassavam a linguagem. A aproximação com a matemática e com a topologia, os avanços sobre o Nome-do-Pai, o registro do real e a escrita do gozo no corpo passam a ter destaque ao longo dos seminários. Especialmente aqui, Lacan introduz os seus estudos sobre as superfícies, na tentativa de abalar as noções de dentro e fora a fim de demonstrar o funcionamento da estrutura do sujeito da psicanálise. Afirma, já de entrada, que de maneira alternada, seus seminários anteriores contemplaram as temáticas do sujeito e do significante, e que portanto, neste, trata do sujeito, a partir do significante, do traço unário e da letra.

Como demonstrei no tópico anterior, o sistema pictórico do sonho possibilita a leitura do inconsciente, isso porque as imagens são estruturadas num enquadre simbólico, cuja composição é de significantes. Portanto, a letra como um elemento criptográfico que permite decodificar a língua do inconsciente, tal como as escritas antigas, faz com que ela, a letra, se estruture em extensão às leis da linguagem, a mesma do inconsciente (Lacan, 1998c). Depois de 4 anos, aqui no nono seminário, Lacan (2003d) propõe uma diferença na perspectiva do conceito, visto que não somente de uma leitura do inconsciente fala o psicanalista, mas de

uma escrita do inconsciente suportada pela letra, tratando-se de uma continuidade entre uma escrita visível e uma escrita psíquica.

Na tentativa de localizar as principais contribuições em torno do conceito de letra no recorte desse seminário, de saída, cabe dizer sobre a indicação de Lacan dada a ocasião das lições. O psicanalista já vem intervindo no nível da definição do inconsciente a função da letra, num primeiro momento de maneira poética, tal como feito no seminário sobre *A carta roubada*, quando tomou o termo *lettre* pela sua literalidade, como mostrado no início deste capítulo, determinante na estrutura psíquica do sujeito. Ao falar da instância da letra no inconsciente, afirma seu acento mais preciso sobre o conceito e, agora, a função do traço unário permitirá ir mais longe, uma vez que quando se trata da nomeação, radicalmente se está na ordenança da letra. Outro avanço, mais geral, localizado no seminário como um todo é o trabalho dedicado à questão da identificação, distinto da abordagem da filosofia e da psicologia, contido mais num exame atento e concentrado da relação do sujeito com o traço unário.

Esse conceito de traço unário é retirado de Freud e trabalhado, inicialmente, no livro 8, *a transferência*. Ali, dirá que são três as identificações que Freud elenca. Há uma primeira identificação do sujeito, ao pai tomado como ideal, antes mesmo do engajamento do conflito edípico, derivada da primeira fase da organização da libido, a fase oral, em que o objeto investido de libido é assimilado pela ingestão; a segunda, de maneira regressiva, aparecendo no lugar da escolha de objeto e que esta escolha de objeto regrediu para a identificação; o terceiro, já exemplificada no caso Dora, trata-se de, por meio do sintoma, identificar-se ou portar o desejo do Outro. As duas primeiras formas de identificação se fazem sempre por *Einziges Zug*. Porém, Lacan (1960-61/2010a) insinua a necessidade de formalizar o “traço único” (p. 430), tomado como signo ou como significante, sendo que, se caso for o último, é preciso avançar, porque se o for não dispensará sua pertença numa bateria significante ou seu

aparecimento ulterior.

No seminário seguinte, Lacan (2003d) se dedica a esta tarefa de avanço na formalização. Então, ao recortar o “Um” na teoria freudiana, traduz o termo alemão *Einzigster Zug*, usado por Freud (1921/1969) em *Psicologia das massas e análise do eu*, por traço unário. Aqui, Lacan indica que o *Um* seja tomado não como totalidade ou unificação, mas enquanto unicidade e, da mesma forma o traço unário, pois Lacan o coloca como suporte da diferença. Portanto, abandonando a unidade unificante, a *Einheit*, pela distintiva, a *Einzigkeit*, vai articulando o estatuto do sujeito enquanto ligada ao traço unário, o *Um*, na matemática enquanto notação mínima para a contagem que possibilita a existência do sujeito.

Também é importante mostrar as distinções que o psicanalista faz entre signo e significante. Então, cito: “se o signo representa algo para alguém, o significante é articulado de outra forma, representa o sujeito para um outro significante” (p. 136). Ao tomar o signo como representando algo para alguém, se está no nível do rastro (*trace*), “um passo, um rastro, o passo de Sexta-Feira na Ilha e Robinson”. Ao retomar um exemplo clássico já citado por ele no *livro 5, as formações do inconsciente* (1957-58/1999), mas antes, no *livro 3, as psicoses* (Lacan, 1955-56/2010b), onde o apólogo das marcas na areia dos pés de Sexta-Feira que representam algo para Robinson Crusoe, traz uma borda teórica. Ali, o rastro é o que o objeto deixa, sendo ele, então, o signo da ausência do objeto.

O rastro que o objeto deixa, se apagado, tem como resultado o traço que, por sua vez, porta consigo algo desse objeto e, se o traço também sofrer um apagamento, passa a existir o significante. Portanto, Lacan (2003d) elabora, na lição de 6 de dezembro de 1961, com o jogo de palavras “há o rastro de um passo [*la trace d’un pas*] [e o nenhum rastro] [*le pas de trace*]” (p. 54), para dizer da função do sujeito, que aparece entre os dois extremos da cadeia, e, também jogando um pouco com as palavras: no espaço entre o passo e o não passo. Por fim, em referência ao apólogo retirado do livro de Daniel Defoe (1719), retoma que a marca

dos pés que Sexta-Feira deixa para Crusóe indica para ele que ele não está na ilha solitário, apontando para o Outro como determinante no surgimento do traço unário, conforme cito Lacan (2003d), “O traço unário, no que o sujeito a ele se agarra, está no campo do desejo, o qual só poderia de qualquer modo se constituir no reino do significante, no nível em que há relação do sujeito ao Outro.” (p. 242). O traço, assim, enquanto suporte da diferença, tem a função de se comportar como alteridade radical para o sujeito.

Nas lições de 20 de dezembro de 1961 e a subsequente, de 10 de janeiro de 1962, Lacan evoca a articulação da letra, do nome próprio, da constituição do sujeito e da escrita, a partir dos fundamentos da segunda identificação, regressiva ao traço unário, proposta por Freud (1921/1969a).

Seguindo o itinerário da *lettre*, Lacan a define como significante puro ou significante assemântico, sendo o significante fora da cadeia, que circula independente de um S_2 , tal como é possível exemplificar com a própria carta. O ponto a se realçar aqui são os registros do simbólico e do real. Enquanto o traço unário se localiza no campo do simbólico; à medida que a noção de letra se constitui, separadamente do significante, ela estará no registro do real. O nome próprio, por sua vez, é o designador rígido, o mesmo em todo lugar, conforme aponta Lacan (2003d),

o nome próprio, enquanto ele especifica como tal o enraizamento do sujeito que está mais especialmente ligado que um outro, não à fonematização como tal, à estrutura da linguagem, mas àquilo que já na língua está pronto, se podemos dizer assim, para receber essa informação do traço (p. 101).

Na formulação da constituição do nome próprio, Lacan disjunta o fonema da letra, distintamente do que havia feito em *A Instância da letra*, colocando, aqui, em relação íntima o traço unário, o nome próprio, a letra e o sujeito. Neste momento do seminário, cita como o

exemplo o próprio nome, “Lacan” o qual é chamado em todas as línguas, como todo mundo, o que não é um fato contingente, pois contém a propriedade mais particular do nome, do nome próprio dentro da significação. A respeito dessa, distingue, sequencialmente, a leitura e a escrita, “há digamos, num tempo, um tempo recuperável, historicamente definido, um momento em que alguma coisa está ali para ser lida com a linguagem quando ainda não há escrita” (p. 101). Com sua discussão sobre os ideogramas, já mencionada em 1957, entende sua operação como a mesma dos hieróglifos, dos desenhos em cerâmicas egípcias, uma vez que a leitura deles pela linguagem aconteceu antes da escrita, sendo a escrita um produto da linguagem e, diz na mesma página que “é pela inversão dessa relação, e dessa relação de leitura do signo, que pode nascer em seguida a escrita, uma vez que ela pode servir para conotar a fonematização.” Com isso, Lacan (2003d) conclui que antes de haver simbolização, há algo para ser lido, há algo da ordem do real, uma letra, um traço que obriga a leitura.

3.1.4 *A leitura e a escrita na escrevivência*

No que toca este ponto sobre a leitura e a escrita, evocada por Lacan no *Seminário IX*, Evaristo (2020a) traz também uma distinção sequencial. Para ela, a leitura também foi o começo de tudo, oferecendo-lhe uma apreensão do seu entorno, enquanto a escrita lhe concedia a transposição dos limites de suas condições de vida, a partir da maneira em que se inscrevia no mundo.

Tal qual Lacan, na proposição de um avanço da leitura para a escrita, Conceição Evaristo diz ser essa última a sua maneira de não adoecer e, num esforço de olhar para o que a toca, mas que também a extrapola, sugere que a escrita, não a leitura, para mulheres negras, é um ato de insubordinação diante da decolonização da língua e do material narrado. Ambos marcados pelo rechaço de um simulacro europeu, seja no uso da linguagem sob o crivo da formalidade; seja na maneira com que a escritora ou o escritor, da forma mais primária, com a

utilização da tipografia a partir de sua própria singularidade, encadeia as letras na construção da narração; seja no que há de político na forma com que se escolhe costurar esta narração, privilegiar uma personagem, o tempo e o espaço, a vivência.

Sobre esse ponto da decolonização da língua, mais uma vez, Gonzalez (1984,) me ajuda no escurecimento das ideias ao dizer que no Brasil fala-se *pretuguês*,

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal quem é ignorante? (p. 238)

Indica que, em contrapartida, a maneira de abrigar o português é bem-vista, “acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o que está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês” (p. 238).

Para refletir sobre o material narrado de que fala Evaristo (2020a), sequenciando leitura e escrita, sigo com Gonzalez (1984), que lança mão do suporte epistemológico da psicanálise, nomeadamente Miller (2011) em sua *Teoria da Alíngua*, onde afirma que os “defeitos da língua” são propriedades “positivas” e “inelimináveis” no ato de falar, uma vez que a psicanálise se funda sobre o que a lógica elimina, porque a primeira encontra seus bens na lata de lixo da lógica. Nessa linha, escreve, “nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica de dominação” demonstra, “porque temos sido falados, infantilizados” (Gonzalez, 1984, p. 225), e, numa perspectiva afirmativa, expressa ao mesmo tempo, em concordância com Evaristo (2020a), a insurgência em assumir a própria fala: “Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa” (Gonzalez, 1984, p. 225).

A partir do que contingencia o sequenciamento da leitura à escrita, de Lacan à

Evaristo, nesse ponto, precisamente a respeito do material narrado, a perspectiva da noção de corpo-geopolítica do conhecimento, conforme o explica Bernardino-Costa (2018), parece comportar o traço unário da escrevivência, ao passo que promove a decolonização do material narrado, suportando pela via da letra e, somente por ela, o que está no lixo da lógica que também viabiliza a significação e o próprio material do qual a psicanálise se vale.

Além disso, não parece forçoso refletir sobre a noção de rastro invocada por Lacan a partir do apólogo das pegadas na areia deixadas pelo personagem Sexta-Feira para Crusoé, em comparação com a “grafia-desenho” feita pela mãe de Conceição Evaristo na “página-chão”. A função do rastro para Crusoé é a de mostrá-lo que não está solitário na ilha, na interpretação lacaniana desta passagem, há a representação do Outro que matricia o aparecimento do traço, pois ele surge quando o rastro é apagado, o que não se distancia do que Evaristo (2020a) localiza a partir deste lugar de nascimento da escrevivência.

Na sua infância, vivida na favela do *Pindura Saia*¹⁸, foi-lhe apresentado o primeiro sinal gráfico de que se lembra. Um gesto solene e ancestral de sua mãe, que era lavadeira, um ritual de uma escrita composta de gestos múltiplos que mobilizava todo o corpo da mãe no traço de sua grafia-desenho na lama, também o corpo de Conceição Evaristo e de suas irmãs, que acompanhavam os passos da mãe por onde o sol seria escrito. “Fazia-se a estrela no chão”, como nos conta a escritora que vê na composição dos traços, na arquitetura dos símbolos uma alegoria de todo o desespero da mãe,

Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos

¹⁸ A favela do Pindura Saia, antes de sofrer um projeto de desfavelamento, ficava na região Centro-Sul da capital mineira, ao lado do atual bairro Cruzeiro, no alto da Avenida Afonso Pena. O romance *Becos da Memória* teve muita inspiração nas vivências de Conceição Evaristo na época de sua juventude vivida ali.

dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. (Evaristo, 2020a, p. 49)

Nota-se, aqui também, o Outro como determinante do traço unário, a letra, e a partida de ondeos significantes podem se encadear, tal como estabeleceu Lacan, pois estas descobertas na infância de Conceição Evaristo, foi um dos lugares de nascimento de sua escrevivência, como ela própria diz por sua conta e risco.

Para negritar um pouco mais a questão do apagamento na noção de letra, já elaborada desde *A carta roubada*, Lacet, 2003, traz o provérbio “*scripta manent, verba volant*”¹⁹, que também é confirmado por Lacan (1998a), propondo que ao serem ditas, as palavras não voltam mais, o que me faz lembrar de um provérbio brasileiro “palavra falada é flecha lançada”, pois é nesse sentido que o psicanalista coloca o outro como testemunha, escuta e registro do dito; enquanto os escritos permanecem. Ritvo (2000), metaforiza que o inconsciente lê uma escrita em ruínas e a traduz em significantes, “como se a função do inconsciente consistisse em cifrar e decifrar continuamente marcas apagadas, marcas em estados de ruínas, marcas que constroem e voltam a destruir-se incessantemente” (p. 16). O saber-fazer do inconsciente é o de inventar, portanto, cifrar e não decifrar, deixando a decifração a cargo do sujeito suposto saber ou do sujeito suposto decifrador, neste caso. O que o inconsciente faz, é cifrar, inventar, o que Freud (1974) já havia indicado numa certa função da ficção, e Lacan (2003d) retoma no 1, do traço único, a partir do qual produzimos

¹⁹ “O escrito permanece, as palavras voam.”

nossas ficções.

Sei que a nomeação ocorre no ato de enunciação, sem que o sujeito se dê conta, isto, pela referência do nome próprio à ordem da ex-sistência ou à ordem inaugurada com o traço unário. A especificidade do nome próprio, então, viria da ligação ao traço amalgamado à escrita, não à fala contida na estrutura de linguagem extensiva à fonética significante, mas a algo da ordem diferencial que surge de um lugar distinto do simbólico, porque o traço unário permitiria ler algo do real como afirma Lacan (2003d). Quando se debruça sobre o marco histórico de surgimento da escrita na humanidade, o autor concebe que ali há a transformação do traço em letra, daí o ponto revolucionário emerge, o sistema de linguagem, a escrita significante fonemática.

Neste ponto do itinerário da letra *no Seminário IX*, como é percebido, o principal acento está sobre a escrita, algo que já estivera em tratativa no artigo sobre a *Instância da Letra*, quando ela foi definida como a estrutura localizada do significante e nas referências à *Interpretação dos Sonhos*, sobretudo, poderia-se extrair uma operação de escrita na letra.

Porém, aqui, mais do que um conceito simbólico, que ao estar na instância do inconsciente permite a leitura do significante, Lacan centraliza a escrita, estando a leitura à cargo do traço unário, por seu lugar vazio. A letra, no que lhe toca, por continuar a ser a estrutura localizada, permite a leitura do significante, mas como aqui a atenção está sob a escrita, a leitura se dá a partir do traço unário. Então, como essência de significante, diferentemente do signo, pois aquele é metonímia deste, a letra aqui é redutível, em seu nível mais simples ao traço.

3.1.5 *Lituraterra*

Este lindo escrito foi elaborado por Lacan a partir de um pedido para introduzir um

número de uma revista de psicanálise e literatura. Está tanto nos *Outros Escritos* como no *Seminário XVIII, de um discurso que não fosse semblante*.

“*Lituraterra*” é uma invenção lacaniana legitimada pelos dicionários de latim *Ernout e Meiller*, nos quais buscou por palavras de uma mesma raiz etimológica: *lino* (linha), *litura* (rasurar/borrar), *liturarius*. Lacan constata que não há uma correspondência com a palavra *littera* (letra), por isso lhe ocorreu, mais uma vez, pelo jogo das palavras com a qual se faz chiste, deixar-se levar pela aliteração nos lábios, pela inversão auditiva. Inspirado pela maneira com que James Joyce desliza de *a letter* para *a litter*, vai direto ao melhor do que se pode esperar de um término de análise. Pergunta se nisso a psicanálise atesta sua convergência com a contemporaneidade das novas modalidades de laço social afirmando o que também há de excesso na cultura, remetendo ao gozo, definido como aquilo que não serve para nada (Lacan, 1972-73/1985).

A própria literatura é uma acomodação de restos, conforme afirma o autor, neste momento em que situa seu ensino com o lema da promoção do escrito. Desde o seminário sobre *A carta roubada*, já aproximara a escrita do gozo, ainda que não lançando mão do termo, sustentando com o conto de Poe em que todo o enredo narrativo se desenvolve sem nenhum recurso ao conteúdo da carta; ou mesmo causando efeito sobre quem a detém, mesmo que os personagens se perguntem sobre o poder que ela confere, desejando obtê-la, o enigma insiste, interpretado como efeito de feminização. Segundo Laurent (1995-99), tal como “a mascarada feminina”, o lugar de gozo emerge como uma interrogação, furo no sentido e ao mesmo tempo lugar deste gozo.

Essa interpretação não tem relação com a psicobiografia de Poe, o que, na verdade, é tido como obstrução do que realmente importava ali, como sendo o que a carta carrega que sempre a faz chegar ao seu destino. Ao desfazer-se de uma aproximação psicobiográfica da literatura com a psicanálise - tal como fez Freud ao escrever *Delírios e Sonhos da Gradiva de*

Jensen e ao tomar as *Memórias de um doente dos nervos*, por exemplo -, propõe a carta como retida, *en souffrance*, porque nisso ela demonstra seu furo, no qual a psicanálise justifica sua intrusão, pois é ela que se encarrega do enigma. E não é disso que se trata a letra? Desde a sua instância estabelecida em 1957, pela força da razão freudiana?

Vislumbra na letra seu aspecto bífido e elenca as figuras da fronteira e do litoral. A fronteira, por sua vez, separa dois territórios iguais, mesmo princípio do *Umwelt* (mundo interior), que produz um reflexo no *Innenwelt* (mundo exterior). Já o litoral, outorga dois campos estrangeiros, a areia e o mar, tal como é a literalidade da letra que desenha o furo no saber, ou o gozo, “entre o gozo e o saber, a letra constituiria o litoral” (Lacan, 2003b, p. 110).

Lacan localiza a importância de saber como o inconsciente comanda a função da letra, algo parecido com o que fez no seminário sobre o conto de Poe, na *Instância da letra* e no nono seminário, sobre a identificação. No artigo que se dedica à formalização do conceito, a letra simboliza todos os efeitos de significante, tanto a metáfora, como a metonímia, porém, não se trata de tomá-la pela via de um primarismo conceitual, senão pela sua convocação do litoral para o literal, ou seja, pela compreensão de que é algo próprio da linguagem que convoca a letra, que a promove como instância em seu caráter bifurcado, gozo e saber.

Distancia-se dos modelos articulados por Freud no *Projeto*, na *Carta 52 à Fliess* - mesmo que ali Freud tenha estado próximo do significante na época em que Saussure ainda não havia nem sonhado com o signo linguístico – e chama o *Wunderblock* (bloco mágico) freudiano de “bloco místico”, toda essa insurgência porque sua retomada da escrita não está calcada na impressão, mas na rasura. Por isso, sua ideia de que a literatura talvez vire *lituraterra*.

A viagem que Lacan faz ao Japão, parece ser uma das mais importantes de sua vida, considerando a incidência deste itinerário sobre o seu ensino. Na ida para o arquipélago japonês, sobrevoou a exuberância das planícies siberianas e a condição delas de litoral que o

psicanalista apreende à conta de fisgar a afetação da língua oriental.

Lacan constata, então, a intimidade da pintura com a letra e é conduzido pelo fascínio da caligrafia do *kakemono* – caracteres pintados e pendurados em paredes de museus -, o que lhe permitiu avaliar o que deles se elide na escrita cursiva, como sendo o singular do manuseio da mão que destrói o universal. Essa aposta na singularidade do sujeito, no “*Hum-de-Plus*”, que se coloca no lugar de “*A Coisa*” e a tampona com o pequeno *a* (do objeto), ao qual, sem inocência, se reduz a uma letra. Rosa (2011) localiza esta aposta que “se ganha com tinta e pincel” (Lacan, 2003b, p. 112), na utopia da caligrafia japonesa expressar-se na pretensão de que com apenas um traço de escritura – Lacan solicita que se faça para ilustrar, um risco horizontal, da esquerda para a direita – seja possível recuperar o gozo perdido.

Então, se para o “ocidentado” (o sujeito que sofreu o acidente do Ocidente, vide *Lituraterra*), há uma impossibilidade, para o sujeito oriental, no entanto, nos traços de sua caligrafia, há a recuperação de um pouco de gozo. Seguindo com a autora, esse modo único de uso da letra, acaligrafia, teria sucesso, e aqui é que se destaca a utopia, pela rasura de traço algum que seja anterior, ao acoplar a identificação ao traço unário e o objeto *a*.

Rumo ao seu ensaio de siberiética, o psicanalista francês descreve uma paisagem...

No céu, as **nuvens** são metáfora do conjunto significante e da rede dos semblantes. A água, antes em estado de vapor, formando a nuvem, sofre condensação, e o que provoca a **ruptura do semblante** que constituía forma, fenômeno e meteoro, fica um resto, o **gozo**. A **chuva** em volume torna-se o **escoamento** que cai sobre a terra produzindo erosão no solo, o que no real se apresenta como **ravinamento**, como prefere usar Lacan. A interpretação também é situada aqui, pois no desprendimento do semblante, para emergir o gozo, é possível encontrar na terra tratamento. Esta, receptáculo de gozo, domínio da **rasura**, sofre escavações – sulcos - denominadas de **escrita**.

A literatura em sua ambição de *lituraterrar-se*, precisa consentir com o despojamento

da ordenação de um movimento científico, visto que, conforme afirma Laurent (1998-99), o discurso da ciência produz restos, mas parece não produzir por não assentir com o território heterogêneo do saber e do gozo. A letra, em sua literalidade, o litoral, torna possível uma outra dimensão, ou melhor a *dit-maison* (diz-mansão), que Lacan destaca na língua japonesa: a pronúncia, a escrita e o significado. Ela, a letra, como “os destroços do significante correndo nos rios do significado”, simultaneamente, serve de apoio ao significante - ao tomar uma palavra pela outra - segundo suas leis de metáfora, mas, também, do lugar do discurso, retirada da rede do semblante.

Assim como Freud (1974) em *Escritores criativos e devaneios*, aproximando a artesanaria da escritora ao brincar infantil em busca de satisfação, Lacan fala sobre a função da ficção, por essa estar submetida às leis da polidez ou da fantasia, na medida em que denota uma forma do sujeito lapidar a sua fala. “O próprio recalcado se aloja pela referência à letra” (p. 117), afirma o autor de *Lituraterra*, revelando sua novidade diante da teoria econômica de Freud, que pressupunha o recalcado investido economicamente de libido e, por isso, pela submissão à formação de compromisso, o material poderia emergir à consciência sob a forma de formações do inconsciente. Para Lacan, é pela letra ser litoral (comportar o real – definido neste momento de seu ensino como correlato à alçada do efeito de linguagem que instaura a diz-mansão da verdade, porém, enredado por uma estrutura de ficção; e o simbólico), é que pode existir o recalcado. Cito-o, em outras palavras “o sujeito é dividido pela linguagem como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com referência à escrita, e o outro, com o exercício da fala” (p. 117).

Mas, fica a pergunta, se haveria uma literatura que comparece como *lituraterra*, ou se do litoral haveria a constituição de um discurso caracterizado por uma emissão extraviada do semblante. A chamada literatura de vanguarda é creditada como fato de litoral por não se sustentar no semblante, mesmo sem provar nada, a não ser o hiato do qual ela própria é

efeito, o hiato que produz o discurso (Lacan, 1998c; Laurent, 1998-99).

As vanguardas europeias surgiram no século XX como inclinações artísticas que potencializaram uma abertura estética diante das formas fixas do tradicionalismo na arte de épocas passadas. Desde o século XIX, já se tinha notícia de diversos rompimentos estéticos centrados em Paris, mas com vínculos substanciais a movimentos parecidos em outras capitais europeias, refletindo, segundo Teles (2021), três disposições culturais daquela época: o otimismo da *belle époque* frente ao novo século; o pessimismo do *fin de siècle*, finitude que comumente acompanha a passagem dos séculos; e, a inquietação neoclássica do romantismo. Nas páginas do mesmo autor, a contribuição dos movimentos vanguardistas na literatura, ligada por extensão à renovação das temáticas e das técnicas do que se desejava enquanto nova poesia, é perceptível na linguagem que sustenta os primeiros manifestos futuristas, os intentos de promulgação dos dadaístas e, após, a admissão do inconsciente pelos surrealistas.

O modernismo brasileiro, junto a outras renovações da realidade cultural não-europeias influenciadas pela amplitude do movimento vanguardista, seguiu assimilando, superando e transformando seus efeitos.

A *Semana de Arte Moderna*, ocorrida na São Paulo de 1922, estava na esteira desta levada vanguardista e, apesar do seu escopo ter sido o de transgredir com os paradigmas eurocêntricos tradicionais, o grupo de artistas que compuseram o evento era restrito à elite branca do país. No entanto, para além da branquitude, quase que num movimento de transgressão da transgressão, houve diversos representantes em distintas expressões artísticas. Na música, o samba, resistência desde sua origem, permitiu uma abordagem da cultura negra como contestação à modernidade (Azevedo, 2018); mas, ainda o hip-hop, que apensar de ter uma inspiração afro-americana, não deixou de esmagar o universal com a mão da singularidade *brasileirovívida*. A literatura de autoria negra e a escrevivência também se assentam sobre a trajetória vanguardista de que situou Lacan ao *lituraterrar*.

4. A ESCRIVIVÊNCIA COMO *LITURATERRA*

Nesse momento, irei me dedicar à tentativa de operar com as noções propostas em *Lituraterra* aplicadas à escrevivência evaristiana, verificando a hipótese inicial. Para isso, lançarei mão dos conceitos lacanianos deste artigo, sobretudo o conceito de gozo, sem dispensar o saber, relançando-os no campo da política, sobretudo, das temáticas que compõem a malha narrativa da escrevivência. Mas antes, trarei algumas ideias sobre as distinções entre literatura e *lituraterra*.

Em *Lituraterra*, Lacan (2003b) define a literatura como uma acomodação de restos, conforme demonstrado. Isto é o que se trata sobre depositar no escrito aquilo que, inicialmente, está contido nas artes das letras: “canto, mito falado, procissão dramática” (Lacan, 2003b, p. 106), como salienta. Tal definição, no que toca o enaltecimento das belas letras parece se aproximar da tese proposta por Aristóteles em *Poética*, texto que até os dias de hoje é uma referência importante para os estudos literários. Ali, o filósofo grego desenvolve três partes principais: a primeira, de introdução, onde a *mimesis* (imitação) surge como conceito fundamental em que se assenta a atividade poética; uma outra sobre a tragédia; e a última sobre epopeia. Esse livro não compõe as bases da teoria literária por acaso, encontra-se nele tratados basilares em torno da arte das letras, do que nela contém e se aplica, de seus métodos, linguagem e definições. Em um diálogo entre literatura e psicanálise, precisamente a freudiana, é possível encontrar na *ars poetica* (Freud, 1974), o efeito das belas letras sobre quem a recebe e a respeito de quem escreve a realização de algo de sua própria fantasia, tal como a criança o faz com o seu brincar.

Como já indicado em *Lituraterra* e retomado por Lacan (1985), em *Televisão*, há nesta arte das belas letras algo também do mito, enquanto tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura, uma vez que o impasse sexual contextualiza as ficções que racionalizam o impossível de onde ele provém, como sendo a verdade de cada sujeito. Antes

disso, em *O Mito Individual do Neurótico ou Poesia e verdade na neurose*, Lacan (1954/2008b) já iniciara que o mito é o que fornece uma borda discursiva a algo que não se transmite na definição da verdade, porque essa definição não pode se apoiar em si própria, uma vez que é ao passo que a fala se dá que a verdade se constitui. Portanto, é pela fala não poder apreender a si mesma, nem comandar o movimento de acesso à verdade de maneira objetiva, que a verdade pode ser apenas expressa e isso, ficcionalmente. Se no ritual neurótico a ficção entra para racionalizar o impossível de suportar numa operação eminentemente do semblante, ao *lituraterrar*, Lacan (2003b) também parte de uma estrutura ficcional, mas esta opõe saber e gozo, numa operação de saída do semblante ou da queda do véu, estando mais no campo do gozo.

Inobstante, Lacan (2003b) alerta em uma frase, que não se trata de tomar a literatura como tribuna, ou seja, trata-se de retirar dela a política, para que dela sejam feitos outros usos possíveis. No entanto, isso não parece se aplicar à *lituraterra*, pois nada impede que ela esteja desarticulada da política - a partir do ponto de vista de Lacan - uma vez que, o exemplo ocidental dela, contemporânea ao psicanalista, é a literatura de vanguarda, politicamente posicionada e sem precedentes. Desse modo, ao operar com a *lituraterra*, não me distancio da proposta lacaniana para o conceito, mas sim, retomo a hipótese inicial desta dissertação, a de que a *lituraterra*, conforme Lacan (2003b) estabelece, lê a escrevivência em sua especificidade tanto no que toca a autoria, quanto na tangência do material narrado. Com isso, a tentativa é a de saber se com esta concepção de leitura da literatura me aproximo do que Conceição Evaristo propõe com esse modo de escrita.

4.1 A escrevivência acomodando os restos

Lacan (2003b), como exposto, propõe que a literatura é uma acomodação de restos e,

devido a isso, propõe que ela na verdade seja uma *lituraterra*. Pergunto-me sobre o que haveria desta acomodação de restos na escrevivência.

Neste momento da dissertação, sirvo-me da concepção da leitura da literatura proposta em *Lituraterra*, a fim de verificar se com ela me aproximo do que Conceição Evaristo tece com a sua escrevivência, isto por hipotetizar que a *lituraterra* oferece uma maneira de ler a escrevivência, para além da literatura.

A palavra “literatura” tem sua origem etimológica do latim “*litterae*” que significa “letra”, “carta” e “literatura”, simultaneamente. É consagrada a definição de literatura como uma instrução ou uma técnica de construir e evidenciar escritos em distintos formatos, sejam eles distribuídos em verso ou em prosa, outorgados por princípios teórico-práticos relacionados às técnicas da poética, da gramática e da retórica. Por prerrogativa, trata-se do ofício ou da arte da expressão escrita, tal como do conjunto de obras de um país, de uma determinada época – a literatura de vanguarda se insere aqui, também de uma determinada sociedade ou região. As discussões em torno dessa definição mais ampla, caminham ao redor de pensar considerações sobre os méritos estilísticos e estéticos, partindo da ideia de que nem todo texto escrito é literário.

Evaristo (2020a; 2020b) chama o conjunto de sua obra de literatura e, essencialmente, o que a difere de outras literaturas é justamente seu saber-fazer maldoso com o tecimento-costura de sua escrita, que se assenta sobre uma estilística e uma estética que partem da vivência da escritora, dos lugares de nascimento de sua escrevivência, desde a mãe, que “sempre costurou a vida com fios de ferro”²⁰. No entanto, a escrevivência escreve um algo mais, pois ao dizer de si, Conceição Evaristo acaba por produzir no individual, uma ramificação no político, na história do Brasil. E esta história é contada por uma mulher subalternizada socialmente, por sua vida interseccionar as opressões de raça, classe e gênero.

²⁰ Fragmento de frase escrita por Conceição Evaristo no conto “A gente combinamos de não morrer” no livro *Olhos D’água*.

Segundo Angela Davis, “quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”²¹ o que denota que esta mulher é a base da pirâmide social no que tangenciam as condições de trabalho; o preconceito de classe aliado à meritocracia que acaba por colocar na conta dela a responsabilidade de sua subalternidade; o sexismo alimentado pelo patriarcado e o racismo à brasileira que como propõe Moreira (2019), é assumido como ocorrência, sem que ninguém se nomeie racista.

Em um texto não muito conhecido, Foucault – aula dada em 5 de abril de 1978 que está no livro *Segurança, Território e População*, originada de um curso ministrado por ele no Collège de France entre os anos de 1977-1978 –, no marco histórico localizado entre os séculos XVI e XVIII, Europa, vai circunscrevendo, juntamente com a urbanização, a historicização da polícia, distinguindo-a da justiça. Importante perceber que entre estes séculos, nas Américas e na África, em boa parte dos países colonizados, ainda havia a escravização, principalmente de negras e negros sequestrados da África e levados para as Américas, sobretudo no Brasil, último país a promulgar a abolição da escravatura no mundo. Isso me leva a questionar se as asserções foucaultianas sobre a razão do Estado poderiam se estender às colônias. Seria a regulamentação de circulação das pessoas e de suas mercadorias, o advento da economia como nova ordenadora da polícia ou da razão do Estado com a premissa da “naturalidade da sociedade”, das novas relações entre o poder e o saber, da responsabilidade do Estado, junto à população, das novas formas de gestão, intervenção e liberdade aplicáveis às colônias? Pergunto-me se, no contexto colonial, essa evolução do controle do Estado, da coroa, não se fez de maneira outra, tal qual se diferencia ainda nos dias de hoje com o tratamento da polícia ou do Estado em distintos contextos. Se Foucault nos traz que “a polícia é um golpe de Estado permanente” (p. 457), isso até o século XVII na Europa, o que dizer do Brasil nos dias de hoje, onde a democracia é restrita a alguns lugares e

²¹ Recuperado a partir de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html
Acessado em 11 de abril de 2022.

onde quanto mais escura for a cor da pele mais suspeito alguém se torna? O que dizer das mudanças nas formas de intervenção do Estado localizadas historicamente por Foucault e do nosso país onde as mortes decorrentes de intervenções policiais aumentaram de número mesmo durante uma pandemia²²? Considerando aqui a evolução da polícia em Foucault, se o nascimento da polícia no Brasil se deu com a chegada e para a proteção da corte portuguesa que já havia invadido e massacrados os povos originários que aqui viviam, o que ainda há de resquícios desse surgimento da polícia que ainda tem como premissa a proteção e o massacre de corpos específicos?

A leitura de Foucault (1978) sobre a razão do Estado e sua evolução é moderna e contemporânea quando considera o advento da economia como uma nova “arte de governar”, do acúmulo de riquezas e quando vislumbra a gestão pública como regulamentadora dos fenômenos naturais, como é o caso da própria medicina social. Entretanto, há que se considerar nosso contexto colonial e necropolítico, bem mais descritivo da governabilidade brasileira. Com Mbembe (2018), criador do conceito de “necropolítica”, posso pensar um contraponto em relação ao biopoder em Foucault, ao articular a soberania e o Estado de exceção. Dá para pensar com ele como que, no Brasil, dispositivos e tecnologias podem ser usados para definir quem pode ou deve morrer e quem pode ou deve viver, havendo corpos matáveis e somente para esses há o Estado de exceção permanente, o golpe permanente, porém não reconhecido como tal, mas nomeada como segurança pública.

Gonzalez (1984) me ajuda a nomear o lugar que a população negra ocupa na lógica de dominação racista, a lata de lixo da sociedade brasileira, enquanto Achille Mbembe (2018) estabelece os mecanismos desta necropolítica, da política de morte prevista e anunciada a determinados corpos. Isso porque ainda não é possível vislumbrar a superação do abismo

²² Recuperado a partir de <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/15/no-de-mortos-pela-policia-em-2020-no-brasil-bate-recorde-50-cidades-concentram-mais-da-metade-dos-obitos-revela-anuario.ghtml> Acessado em 11 de abril de 2022.

racial, pois, como aponta os *Atlas da Violência* de 2019 e 2020 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019;2020), houve um aumento da violência letal contra públicos específicos, dentre eles a população negra. O que leva a crer que para estes, o racismo assume o estatuto do que não tem significação, o real, não havendo como considerar que o inconsciente está ileso dos impactos do racismo (Guerra et al., 2021), até porque aqui o trauma tem a própria nomeação da morte. Por sua vez, Conceição Evaristo escreve esta realidade, acomodando o que dela é discursivamente velado, mas permanecendo como resto. Já a formulação de Lacan (2003b) sobre a *litureterra*, com uma leitura da literatura que não dispensa a opacidade do gozo, parece inscrever esta operação da escrevivência.

Então, no tecimento-sutura de questões sociais, históricas e subjetivas recorrentes no traço da escrevivência, a orientar sua ficcionalização e a reafirmar seu composto temático, leio o litoral entre a exaltação da vida e o desespero, entre o nascimento e a morte.

Tomo o acervo de contos em *Olhos D'água*, mais detidamente para esta demonstração, mas toda a obra de ficção, prosa, poesia e ensaios da escritora, conforme já dito, protagoniza poeticamente o real da vida da população negra, o racismo, a pobreza, o patriarcado e a violência que nos interfere, como lemos, no conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, frase-denúncia dita pela irmã da menina que a encontra morta, vítima de um tiroteio na favela onde moravam. O dito também é uma carta *en souffrance*, porque a irmã já não podia ouvi-la, mas cumpre seu destino em exprimir duplamente a irrupção do trauma da morte e a interrupção da infância.

Os contos desta obra ainda parecem colocar em jogo “a erótica do tempo”, situados num presente transeunte, em um passado mnemônico e numa interrogação sobre o futuro e suas incertezas, tal como propõe Miller (2000), ao argumentar que o tempo também é efeito da estrutura significante, determinando a posição subjetiva da espera e da urgência. Aqui, no

conto *Di Lixão*, encontro uma transição temporal curiosa, carregada de força interpretativa: “E foi se encolhendo, se enroscando até ganhar a posição de feto” (p. 55). Nesta regressão mental e física do menino em situação de rua enredado por questões envolvendo a mãe, sentindo a proximidade de sua morte. À vista disso, crescentemente na narração, que atinge seu ápice no último conto do livro *A gente combinamos de não morrer*, em que a dinâmica narrativa se distribui por distintas vozes do elenco, vejo um estilhaço ficcional que acaba por assumir no texto a replicação da precariedade da vida, àquelas que “às vezes a morte é leve como poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer. Às vezes é uma fumaça adocicada enchendo o pulmão da gente. Um tapa, dois tapas, três tiros...” (p.62).

A vida de muitas mulheres ou as facetas de uma única são não-todas retratadas ao longo dos contos, o catálogo conta com Ana Davenga, Maria, Duzu-Querença, Natalina, Salinda, Luamanda, Cida, Zaíta, Maíta. Também com homens, tais como Quimbá e Ardoca, e meninos, chamado pelo vulgo Di Lixão, mas também mulheres, mães e meninas que se autoneomaram e sem nome, homens perdidos e meninos que ninguém quis saber. Para uma leitora desavisada, como se pode notar são austeras histórias que insistem em dizer o que muitos não querem dizer: “O mundo que é dito existe. Suas regras, explícitas” (p. 9)²³.

Completa afirmando que o lugar de uma legítima ouvinte é desautorizado, vez que nesta “literatura/cultura”, a palavra dita reclama a presença do corpo, ainda mais o ato.

A proposição lacaniana da psicanálise cumprindo uma função de atestado do que resta da cloaca da cultura e, para isso formulando a ideia de *lituraterra* alternativa à literatura, produz sulcos, fazendo emergir a dimensão da arte como incômodo, desassossego do Outro. Neste caso, o despertar do sono injusto da branquitude, posicionada, como afirma Andrade (2019), no lugar de universal da condição humana, a política imposta do discurso do mestre, fundada sobre a lógica da igualdade e da universalidade branca.

²³ Citação retirada do posfácio do livro *Olhos D’água* (2014)

Ao alojar os restos do que sobra da civilização, lituraterrando a intersecção da opressão, o manejo da letra na escrevivência parece também cartografar um avesso do lixo à letra, numa espécie de requalificação. Seja do que não é retratado no cânone literário brasileiro sobre as vidas negras delongadas nos estereótipos, na folclorização, na hipersexualização, na infantilização, na criminalização ou na glorificação; seja protagonismo e afirmação das pessoas pretas em suas suturas cotidianas; seja na completa desorganização do discurso hegemônico eurocentrado.

Nesse sentido, a elaboração da letra no seminário sobre *A carta roubada* de Lacan (1998b) comporta alguns dos efeitos da letra engendrados pela escrevivência, mas apenas num esforço de operação teórica com a maneira em que o psicanalista lê o conto, ou seja, precisamente no que se pode extrair da função da *lettre* ultrapassando o seu conteúdo e mesmo assim endereçando um itinerário. Porém, distintamente da carta roubada da Rainha ali, que permanece *en souffrance* sem ter o seu conteúdo revelado, a escrevivência, justamente pelo seu manejo maldoso das palavras, pode cumprir sua função de litoral, fazendo face a este gozo hegemônico, tal como no mito da yabá Oxum que chega às portas da casa de Oxalá amaldiçoando a pobreza e a injustiça que recaía sobre as mulheres.

4.1 Das histórias de ninar às histórias de despertar

Conceição Evaristo escurece que a escrevivência serve ao despertar do sono injusto da branquitude, em contraponto à mãe-preta que tinha a obrigação de adormecer a prole colonizadora, tendo, portanto, não somente o corpo, mas também a fala, subordinados à escravização.

Lacan (1971-72/2012) pergunta “O que faz um sonho?” (p. 209), e responde de maneira tangível que, de acordo com Freud, o desejo fundamental no sono é o de continuar

dormindo. O dormir, assim, consiste em suspender a tétrade lacaniana, semblante, verdade e gozo, diante da relação do corpo com ele próprio. O dormir é não ser perturbado e o gozo é perturbador, porém, mesmo durante o sono, o significante continua a tratar o gozo, por conta disso é que sonhamos. Assim, não se trata de abordar o sonho pelo deciframento do desejo, mas de destacar a função de ciframento do gozo. Para Freud (1996), os sonhos podem sofrer uma maior incidência do Isso ou do Eu, se no primeiro caso, uma exigência pulsional se impuser, forçando a censura, há um despertar afetado pela angústia que, por sua vez, indica um além do sonho, sugerindo um excesso de gozo não administrado pelos mecanismos oníricos. A angústia anuncia a letra, ou a disjunção entre saber e gozo, este responsável pelo despertar para o encontro de algo da ordem do ininterpretável, assemântico. O que Freud chamou de umbigo dos sonhos e Lacan (2008a) de ponto-núcleo onde o discurso faz furo. No despertar para o gozo que faz furo no discurso, assim opera a escrevivência lida pela *lituraterra*.

Historicamente, a Europa ocupou o lugar de centro legitimador do modo de saber, poder, ser e de gênero, replicados nas colônias. A invenção do centro europeu, bem como a inclusão do continente americano no mapa-múndi de Martin Waldseemüller, no ano de 1507, mapeia uma nova topologia da Europa (Guerra, 2021). Desse modo, o marco inaugural da modernidade se deu na descoberta europeia da América, simultaneamente ao rechaço do Outro Colonial (Dussel, 1993), porém com o pretexto de uma modernização emancipadora, a saída de um estado primário e pueril. Este poderio europeu, aliado à ideia de que o continente, em detrimento de outros, era o mais desenvolvido, se deu às custas de quatro genocídios/epistemicídios²⁴ (Grosfoguel, 2016). O primeiro, contra muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus, ocorrida no final do século XVI empreendida pela monarquia cristã espanhola na Península Ibérica sob o lema da “pureza do sangue”. Importante notar que

²⁴ Santos (2010), chamou “epistemicídio” a destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos, tornando, então, o genocídio indissociável do epistemicídio. Boaventura de Sousa Santos, (2010). *Epistemologias del Sur*. México: Siglo XXI, 2010.

mesmo a relação entre a colonização de Al-Andalus e das Américas ser pouco explorada pela literatura, os métodos de dominação utilizados inicialmente foram transportados para as Américas, o que dá a ideia de um regime discursivo de gozo operante, que hoje denuncia o ideal de universalidade eurocentrada, portanto, masculina, branca e cisheteropatriarcal do poder monopolizador originado epistemicamente nestes últimos séculos (Quijano, 2000).

Aqui, neste continente, o genocídio se deu contra povos nativos na conquista das Américas, onde o epistemicídio se presentificou a partir do uso de métodos de evangelização empregados contra os povos indígenas. Contrariando o senso comum, Grosfoguel afirma que o “racismo de cor” não foi o primeiro discurso racista, mas o “racismo religioso” que opunha povos cristãos/povos com alma *versus* povos não-cristãos /povos sem alma. Esse primeiro racismo do “sistema-mundo patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista” (p, 36), foi debatido ao longo do século XVI, e no ano de 1592, o famoso julgamento de Valladolid realizado pelos teólogos Bartolomé de las Casas e Gines Sepúlveda determinou que os indígenas possuíam uma alma, mas eram bárbaros a serem cristianizados. Então, enquanto os indígenas eram dispostos pela *encomienda* (regime de trabalho imposto, análogo à escravização), os africanos, classificados como “povos sem alma” eram forçosamente trazidos às Américas para substituir os indígenas no trabalho escravo. Com o sequestro massivo e a comercialização/escravização de negras e negros pelos trezentos anos seguintes, o racismo religioso foi complementado pelo racismo de cor. Como se pode notar, houve um emaranhamento entre a religião centrada na hierarquia global do cristianismo e o centralismo racial e étnico do Ocidente expresso nesse “sistema-mundo”, capaz de identificar praticantes de uma espiritualidade não-ocidental como racializados ou abaixo da linha do humano. Por fim, o último, trata do genocídio das mulheres europeias, nomeadas de bruxas, que dominavam conhecimentos ancestrais abrangentes de diferentes áreas como a astronomia, a biologia, a ética etc., e o passavam de geração em geração.

Portanto, a raça é o epicentro harmonizador no curso de expansão do colonialismo europeu, literalmente com Quijano (2002),

Essa ideia e a classificação social baseada nela (ou “racista”) foram originadas há 500 anos junto com a América, Europa e capitalismo. São a mais profunda e perdurável expressão da dominação colonial e foram impostas sobre toda a população do planeta no curso da expansão do colonialismo europeu. (p. 4)

Quijano (2017), também ajuda a pensar o que se transmitiu desde a formação da sociedade colonial. Evidencia-se que todas as encruzilhadas de nossa história cultural foram produzidas por um processo de “reoriginalização da experiência” de maneira tumultuada e massiva em todo o conjunto da população dominada. Inclusive, o autor testemunha que atualmente ocorrem fenômenos equivalentes de crise mundial que começou em meados da década de 1970 afetando a todos e a cada um dos aspectos da existência social nos países. O mundo que se formou há pouco mais e quinhentos anos culminou na formação de uma estrutura produtiva, financeira e comercial globalizada, com uma intensa concentração de controle, poder político e recursos de produção nas mãos dos funcionários do capital especulativo, universalizado na civilização capitalista. O que, segundo ele, serve para escamotear a natureza social do empreendimento colonial europeu que originou todo esse desencadeamento. Ao tratar da colonialidade do poder, do saber e da dependência histórico-estrutural que implicam na hegemonia do eurocentrismo como perspectiva única do conhecimento, ressalta que o padrão de dominação entre os colonizadores e sobre nós foi sendo organizado e estabelecido sobre a base da ideia de raça como padrão de relação histórica necessária e permanente para sustentar as demandas e os conflitos originados da exploração do trabalho. Isso também culminou no impedimento de toda autonomia do colonizado desde a sua relação consigo mesmo, com seus semelhantes, com o branco, a

maneira com que vivenciava sua espiritualidade, também com as diversas expressões artísticas a que se servia, sua subjetividade e cultura. É isso que após os estudos pós-coloniais, decoloniais e do feminismo negro passou a ser nomeado como opressão interseccional (Collins, 2016).

Gonzalez e Hasenbalg (1982), na conclusão da obra *Lugar de Negro*, escrevem que após ter passado “mais de noventa anos desde a abolição do escravismo, a população negra continua concentrada nos degraus inferiores da hierarquia social” (p. 98). A partir do que se pode notar sobre o racismo no Brasil atual, pode-se atualizar tal asserção e dizer que, transcorridos mais de cento e trinta anos da suposta abolição do escravismo, verifica-se, inegavelmente, que o racismo ainda incide de forma literal, enquanto opacidade de um gozo hegemônico sobre nós.

Sublinho entre as autoras e autores citados a obra de Fanon (1952/2008) que dedicou seu fôlego investigativo às incidências do colonialismo sobre o psiquismo de quem é colonizado. O foco de suas análises abarcou a colonização da Argélia pela França e o que mais salta aos olhos em suas pesquisas é o êxito do intento de domínio abrangente do humano pela via da violência física e simbólica, e isso a ponto de ele afirmar que não existiria complexo de Édipo nas Antilhas, se lá o que se colocava era a distinção entre brancos e negros, sendo que o traumatismo é instaurado no exato ponto em que o preto recalca suas próprias características para se identificar ao branco.

Guerra (2021), a partir do esquema óptico de Bouasse sob o ponto de vista de Lacan, tem a hipótese de que “o espelho plano, que opera como Ideal de Eu na cultura ocidental, hipermoderna e neoliberal, é montado discursivamente como normatividade branca, burguesa, patriarcal, cisheteronormativa (e mais charmosa, se europeizada)” (p. 269), perfazendo o percurso de nascimento do racismo e a legitimação da violência.

Seguindo com ela, compreendo que o Eu se identifica, assim, no âmbito do -i(a) com

uma imagem real, articulada simbolicamente ao Ideal de Eu $I(A)$ – neste espelho plano –, havendo, porém, como resto, o não especularizável do objeto escamoteado ($-j$), ponto de amarração do gozo, origem dos fenômenos tanto de segregação, quanto de identificação. Assim, se o resultado é a imagem virtual, que oferece o enquadre da imagem real – $i'(a)$ –, projetada no espelho plano do outro lado, o sofrimento nasce quando um corpo, trans, negro, feminino, indígena, marginalizado pelo discurso, não reflete o $I(A)$. Nesse sentido, fica escura a objeção radical ao pensamento de que o Eu seja autônomo, ou que a moldura do discurso hegemônico não incida na literalidade dos registros do simbólico, do imaginário e do real. O sujeito marginal ao discurso hegemônico, então, disjunta o conjunto social de sua preservação imaginária e incide sobre o bordejamento simbólico, causando uma insubordinação discursiva onde o gozo se encontrava sufocado pelo discurso; o gozo recoberto pelos semblantes que retroalimentam o discurso fazendo-o se sustentar continuamente, circularmente, retornando repetitivamente sobre o mesmo lugar, na insistência da cadeia significativa, ninando e sustentando a quietude da casa grande.

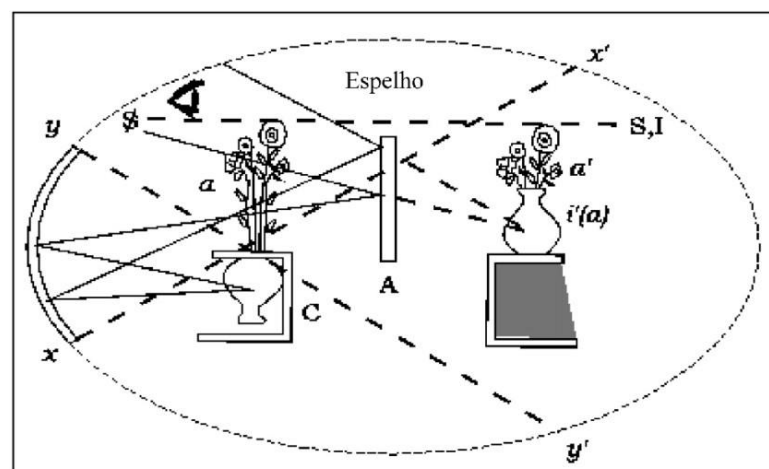


Figura (5): Esquema Óptico de Lacan. Recuperado de Lacan (2003a, p. 681).

No prefácio do romance *Becos da Memória*, nascido da primeira experiência de construção de um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, vivência de Conceição Evaristo, portanto, na perseguição de sua escrevivência, da escrita da sua vivência e dos seus,

questiona-se sobre “como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada?”. Ao que responde que assim surge a invenção, “para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas”. Isso com a ajuda da menina Maria-Nova, personagem mais cintilante impossível! Pois bem, o fio narrativo passa pelos barracos de uma favela, onde moravam os personagens dos mais diversos, que acabam por sofrer, através de um processo de desfavelamento²⁵, a expulsão de seus territórios. Cada narrativa destes moradores pertencentes àquelas terras e, também possuidores delas, ressalta a marginalização deles pelo discurso hegemônico matriciado a partir do Ideal de Eu da cultura ocidental europeizada. Metonimicamente essas pequenas histórias de despertar das pretas e pretos compõem o romance, de maneira a criar um paradigma do modo com que estes sujeitos desconjuntam o conjunto social, que os desumaniza, infantiliza, folcloriza, hiperssexualiza e assassina, para a conservação imaginária, sem a dispensação da causação de um furo no simbólico causado pelo gozo sob o nome do desfavelamento. Havia, para os favelados, uma pequena quantia oferecida para a construção de uma nova moradia, mas que não contava, não pagava a conta do despertencimento.

Kilomba (2019), cita o dicionário de Laplanche e Pontalis (1988) para definir o termo ferida que deriva do grego “trauma”, ao designar a negritude como outridade da branquitude, no sentido de nos tornarmos a personificação de aspectos repressores do Eu do sujeito branco, a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se assemelhar. A negritude serve, então, como forma primária de outridade (distinta da alteridade), sob a qual a constituição da branquitude se assenta, o que conduz à alienação, à decepção e ao trauma psíquico das pessoas pretas, uma vez que o lugar a elas reservado é sempre um “outro” não um “eu”. Ainda em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Fanon (2008) pergunta “o que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que

²⁵ Significante da expulsão forçada de famílias moradoras de áreas sob a alegação especulativa neoliberal do capital imobiliário, ou na escusa da mais velada tentativa de eliminação genocida da população negra e favelada.

coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo?”. Isso é o que Kilomba denomina de “língua do trauma”, a maneira como Fanon metaforiza e a escrevivência escreve, a experiência do racismo cotidiano, apontando “o doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático” (p. 39), pois, no racismo o que ocorre é a retirada da subjetividade do sujeito preto, condicionado à predicação desumanizadora.

Em *Função e Campo da Fala e da Língua em Psicanálise*, Lacan (1953/1998d) procura fazer desaparecer o paradoxo que pode anunciar o inconsciente reservado à uma realidade individual, isso, uma vez que o inconsciente não é um recipiente isolado de todas as funções do pensamento e da ideia. Assim como Freud dispõe a invocação *sit venia verbo*, Lacan acentua esse verbo realizado no discurso que “passa como o anel de mão em mão”, para conceder ao ato do sujeito receptor da mensagem um sentido próprio que faz desse ato um ato de sua história, dando-lhe sua verdade. E, assim, arremata, “o inconsciente é esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada; o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar” (1978), faz saber que esse inconsciente está

nos monumentos: e isso é meu corpo, isto é, o núcleo histórico da neurose onde o sintoma histórico mostra a estrutura de uma língua e se decifra com uma inscrição que, uma vez recolhida, pode sem perda grave, ser destruída; nos documentos de arquivos também: e são as recordações de minha infância, impenetráveis como eles, quando eu não conheço a proveniência; na evolução semântica: e isso responde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, como ao estilo de minha vida e a meu caráter; nas tradições também e mesmo nas lendas que sob uma forma heroizada veiculam minha história; nos rastros, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções, necessitadas pela emenda do capítulo adulterados capítulos que o enquadram, e das quais minha exegese estabelecerá o sentido. (pp. 260- 261)

Não há nada além disso que a psicanálise levada a termo já não se exprima desde Freud que procurou demonstrar que contingenciar o reconhecimento do sujeito de seu inconsciente é ajudá-lo a perfazer sua historização, seja ela censurada ou não. Para demonstrar ainda mais como a psicanálise se debruça sobre as assombrações da história, cito, mais uma vez, Lacan, neste mesmo texto, ao dizer que toda fixação a determinada fase pulsional é antes de tudo oriunda de um “estigma histórico: página de vergonha que se esquece ou que se anula, ou página de glória que constrange” (p. 263), porém, ressalva que tal esquecido é lembrado em ato, e a anulação se opõe ao dito de maneira distinta, esta, enquanto instância do símbolo ou na quimera onde o sujeito se encontra preso.

Guerra (2021), concebe que com as ferramentas da psicanálise expressa ao regulamento do poder colonial, há a permissão do desdobrar deste meio e modo de gozo, como discurso em ação que se imiscuiu como hegemônico, partindo do axioma de que tal cosmologia que se apresenta universalizante ao longo dos séculos se constitui como miragem narcísica, véu ou semblante, que encobriu o gozo imperial.

Nesse sentido do uso que se pode fazer da psicanálise, Derrida (1981) declara que essa posição política tem implicações, a depender do que se naturaliza numa época e o impacto da neutralidade que rivaliza com a liberdade que Freud endossava. Se em 1971-72, Lacan (2012) chama atenção para não se pintar um “futuro cor-de-rosa” para solapar os impactos do racismo, um ano depois, Lacan (1973-74/2003e) encadeia que não é o choque das civilizações, mas o choque entre os gozos múltiplos que fragmentam o laço social. Partindo dessa lógica, Laurent (2014) em *O Racismo 2.0*, estende que o gozo como apenas passível de ser bordejado pelo saber, permite que na lida desorientada do sujeito com ele, haja apenas a rejeição do gozo do Outro. E denuncia o duplo cálculo do colonialismo e da vontade de normatizar o gozo do colonizado, impondo-lhe o próprio gozo, o do colonizador, em

detrimento do Outro com seu gozo visto como subdesenvolvido, portanto, ocorre, a “rejeição desse gozo inassimilável, domínio de uma barbárie possível”.

À vista disso, vivemos menos um real com sintomatologia simbólica e produtiva e mais uma defesa contra ele²⁶. Isso se comprova na maneira com que lidamos com a colonização, envolta na crença de que se deu de maneira harmônica, consensual e sem transmissões, assim como o mito da democracia racial brasileira, que como aponta Gonzalez (1984) “oculta algo para além daquilo que mostra” (p. 228). A escrevivência como *lituraterra*, parece escrever nosso tempo, pois, ela aponta para a parte da letra assemântica que contém o gozo e Lacan traçou a perspectiva de que a escrita pode suportar algo do impossível, uma vez que ela ultrapassa os limites da linguagem e apoia-se na letra, por essa última dispensar o sentido, e, portanto, bordejar o real. Evidencio, como algo atual, o conjunto literário a que se convencionou chamar de Poesia Negro-Brasileira e, inserida nela, ressalta-se a escrevivência se comportando como uma literatura de vanguarda na contemporaneidade brasileira.

A voz feminina nesse modo de escrita transfere para o texto algo do impossível de suportar ao tecer vivências rasuradas amalgamadas às memórias que figuram a natureza da opressão interseccional. Depreende-se, ainda, que o que há de mais peculiar nessa escrita é uma contrariedade radical à segregação que nos foi imposta e que abrange inclusive a autoria, já que a escrevivência é negra, pobre e feminina. A escrevivência, portanto, operando como *lituraterra*, pela potencialidade da letra de bordejar o que excede a capacidade de representação psíquica, o que aqui é tomado como sendo o gozo hegemônico a partir do que se escamoteia da colonização - deixando memórias, legados, feridas e silêncios, como já dito - , promove o despertar deste sono injusto.

²⁶ Ideia extraída do 3º Encontro Portas Abertas: Sintomas da Pandemia ministrado pela Prof^ª. Dr^ª. Andréa Guerra.

4.2 Uma escrita de litoral

Na escrevivência em *A gente combinamos de não morrer*, com uma narração coletivizada, adjetivada no prefácio do livro que o contém, como o conto que implode a técnica narrativa num inquestionável avesso apoteótico de ficção e paradigmas sociais, leio “Alguém cantou a pedra e o segredo foi rompido. A desgraça vaza dos poros da terra. O mundo explode. Seres de mil mãos agarram tudo. Nada escapa.” (p. 64). Esta passagem, parece representar os efeitos da letra engendrados pela escrevivência.

Lacan, em seu seminário XVII, *O Averso da Psicanálise*, trabalhado entre os anos de 1969 e 1970 na Universidade do Panthéon, propõe os laços sociais como tecidos estruturados pela linguagem e, portanto, denominados “discursos” o que se constitui como uma retomada do “projeto freudiano pelo avesso” Lacan, em seu seminário XVII, *O Averso da Psicanálise*, trabalhado entre os anos de 1969 e 1970 na Universidade do Panthéon, propõe os laços sociais como tecidos estruturados pela linguagem e, portanto, denominados “discursos” o que se constitui como uma retomada do “projeto freudiano pelo avesso” (Lacan, 1969-70/1992, p. 10). A partir da produção dos discursos problematiza: “de tudo o que ela articula, o que resulta?” respondendo que trata-se “não do saber, mas da confusão” e extrai a reflexão dessa confusão porque a ela se referem tanto os limites, quanto a possível saída dos sistemas. A saída do sistema está assentada sobre “uma sede de sentido” que não interessa o sistema, mas ao sujeito que, por uma marca de estrutura, não cessa de se inscrever (p. 13). O discurso se articula sem palavras, comportando apenas o trânsito das letras, as palavras depois se alojam neles. O aparelho do discurso na vertente lacaniana tem relações estáveis fundamentalmente mantidas pela linguagem, instaurando-se nas enunciações permanentes, na dominação e no governo de tudo que, possivelmente, pode surgir de palavras. Segundo a psicanalista

Rabinovich (2001), o discurso para a psicanálise lacaniana é a maneira de uso da linguagem como laço, vez que a condição *sine qua non* para o estabelecimento do laço social, designado como discurso, é a de ocorrer apenas entre os falasseres, os seres que falam.

Andrade (2019) insiste que “negro” não é a cor da pele, nem a raça, nem a identidade, pois, “negro” no contexto dos discursos sobre a negritude, sobretudo no feminismo negro, é o significante ideogramático, na medida em que faz uma interpretação do discurso do mestre no campo político e social, trazendo à tona o “*mais-de-gozar da branquitude*” (p.229), posicionada no lugar de agente do discurso no império da promoção ou da aniquilação de formas de subjetivação.

A escrivência tendo como um de seus lugares de nascimento a vivência de um corpo preto, acaba por operar uma articulação interpretativa, deslindada do ofício de uma hermeneuta, por fazer tremer o significante de maneira a oportunizar o dar a ver do que o discurso oculta. A proposta de Lacan (2003b), com a comparação da interpretação com a poesia, tomando como ponto de chegada de sua viagem à siberiética, a poética chinesa que desvela o significante da falta no Outro, tem como efeito um desarranjo significativo. O rompimento dos semblantes enquanto uma proposição da interpretação psicanalítica, convoca a escrita por esta possibilidade que provoca o desvelamento do gozo. Mudando um pouco as palavras, o enfoque poético da interpretação, trabalhada amplamente por Andrade (2013), implica na validade de um discurso do semblante à um discurso que não seja do semblante, até porque a descoberta do inconsciente feita pela psicanálise faz face à impossibilidade de pensar a linguagem destituída do real enunciado nela. Na clínica, a psicanalista se ocupa do traço unário de cada analisante caminhando nas encruzilhadas entre a linguagem e a pulsão, a linguagem e o corpo, ou como Lacan, nos anos 70 integra à sua teoria a dimensão do gozo: entre a linguagem e o real, a linguagem e o gozo. A poética chinesa servindo à compreensão psicanalítica permite tomar o simbólico fazendo litoral com algo do real que nunca se cura

completamente, fazendo emergir as suturas da língua e, também da escrita, tal como Conceição Evaristo no prefácio de *Becos da Memória* (2017), de sua parte dá notícia, afirmando que entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço, de onde explode a invenção da escrevivência.

O título *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017) não é inocente e parece representar uma certa função do mistério. Segundo a autora,²⁷ ao nomear o livro assim, pretendeu brincar com o sentido do que nem sempre parece ser, mas é, por vezes são leves enganos, que podem ser percebidos como leves, mas podem não ser tão sutis assim. E as parecenças como sendo o que parece ser, mas que, muitas vezes, oé, porém demanda uma atenção para não ficar somente como apenas uma aparência. Faço um remetimento automático à historinha judaica evocada por Freud (2017b) para falar do chiste, sobre a mentira para dizer a verdade, assim como a *litter*, a *letter* de Joyce, que no conto, pela carta assumir um semblante amassado, descartável, distinto da descrição, passa despercebida pelo exame rigoroso de quem a procura.

O último conto deste livro chamado *Sabela*, que por sua torrente de palavras é mais uma novela, é um dos mais belos escritos da obra evaristiana. Lá, há uma leitura alternativa à repetição do discurso de tomar o corpo da mulher como corpo-natureza-sexo, um corpo-fêmea para a procriação. Algo que é negritado quando se trata do corpo das mulheres negras, quando essa ligação fica ainda mais perceptível textualmente, tal qual encontramos nas personagens da literatura brasileira canônica como Rita Baiana e Gabriela, Cravo e Canela. O corpo da mulher em *Sabela* está sob outro prisma, um corpo-natureza, porém não hipersexualizado, nem infantilizado, capaz de saber os mistérios da natureza. Esse também é o texto que Conceição Evaristo compõe com o maior número de palavras, com parágrafos mais curtos, porém com orações com um número demasiado de significantes, a torrente deles

²⁷ Em uma live para o Instagram disponível no link <https://www.instagram.com/tv/CA8xjnKJRYj/>

suporta o dilúvio que assola a cidade. Fica também perceptível a tentativa, já indicada por Evaristo (2020b), de aproximar sua escrevivência o máximo possível de uma maneira oral de contação de histórias, isto pela via da repetição, das reafirmações ou das interferências da narradora que parece saber que está contando uma história em voz alta.

A contingência da letra, sob o enquadre da *lituraterra*, tem sua primeira descontinuidade discursiva presente neste conto na produção de uma contranarrativa ao dilúvio bíblico, onde um homem, Noé, é quem comanda a arca da salvação. Neste caso, é um corpo-mulher, a sabedoria de Sabela. Uma outra *lituraterração* é a presença de oito narradores no conto, todos com uma característica de certa forma aquosa, sendo mesmo a água que distribui a dinâmica intersubjetiva, uma vez que por onde o rio passa é que a voz vai sofrendo revezamento, tal como o itinerário de uma *lettre*. Enfim, com este rompimento da ideia de uma narração universal, onisciente, a escrevivência rompe com o silenciamento das vozes negras, vozes múltiplas deslocalizadas do discurso mestre que agencia quem deve falar, a quem se deve aplicar o epistemicídio. Aqui temos a demonstração de que essas vozes que nascem de lugares subalternizados conseguem criar espaços de fala capazes de compor a sua própria subjetividade - individual -, sem perder sua relação com o outro - político. A voz coletiva existindo sem a obliteração de outras subjetividades, trata-se da letra afetando o gozo no corpo, a escrevivência promovendo a extensão do individual no político. É curioso notar no conto o chamado “buraco branco do desconhecimento”, na novela, a cor branca encarna o furo no saber, o gozo. Mais interessante ainda são os espaços que escapam do dilúvio, lugares e corpos que a narrativa cristã condena: a cadeia, o prostíbulo, as mulheres e a mãe do prefeito.

Em ato, a escrevivência se comporta como um pretense ideograma, ao passo que o singular da mão esmaga o discurso colonial universalizado que agencia a subalternização interseccional. Em uma operação a partir da margem, conforme extraído de bell hooks, a

escrevivência promove a descontinuidade, (des)completando este discurso estabelecido. Isto, tanto pela autoria ser de uma mulher, negra e pobre, algo que por si só já rompe com o que é tido como sujeito universal, quanto com o próprio material narrado, distante de predicções do discurso hegemônico e certas de obras do cânone literário. O efeito dessa operação é o de uma subtração. E o que se subtrai a partir desta descontinuidade discursiva? Tanto o sujeito, enquanto suporte de uma afirmação feita pelo predicado, quando os predicativos que a partir de uma ação se projeta sobre o sujeito. No caso do sujeito, encontro na escrevivência uma banda moebiana fazendo face o individual extensivo ao coletivo: a con(fusão) entre as identidades da narradora e da personagem, a narração onisciente estilhaçada, portanto coletivizada, e a abordagem da subjetividade como pertença de qualquer um. No caso dos predicativos, a subtração se demonstra no esgotamento dos estereótipos e comparativos, até mesmo os supostamente jocosos atribuídos às pessoas pretas. Badiou (2017) afirma que na maneira que o mundo se estrutura, o real é o imperativo da intimidação e da submissão, sendo a “função do escândalo” em nossa sociedade, justamente por ele “abrir a porta para uma espécie de desvelamento de um cantinho do real” (p. 16). Nesse sentido, a *lituraterra* parece se localizar aqui, tal como a escrevivência. Dado o efeito, há uma rasura no regime discursivo pela escrevivência incomodar, desassossegar conforme uma *lituraterra*, uma escrita de litoral, que toca algo do real através da ruptura do semblante para que possa restar somente o gozo racista.

PENSAMENTOS PARA CONCLUIR

Numa tentativa de elaboração - ao que me parece - a partir do funcionamento inconsciente, da incidência do discurso hegemônico que se passa até hoje com as opressões de raça, classe e gênero, mesmo tão pouco nomeada, Conceição Evaristo pergunta às psicanalistas: “Assim como a história oficial nega a saga dos africanos e seus descendentes no Brasil, a literatura não conseguindo ficcionalizar essa personagem negra como fecundante, não estaria a literatura assim como a história ao nível do recalado?”. .

Confesso que não sei responder.

Também não encontro um apaziguamento desta angústia na literatura psicanalítica, até agora inconclusiva.

Fanon (2008) falou que a pessoa preta não tem tempo de inconscientizar sua vivência, lido por Oliver (2004), vejo que no colonialismo e na escravização não apenas o corpo é propriedade do Outro, mas a consciência também. Segato (2006) defende a forclusão da imago da mãe preta como operante no complexo de Édipo brasileiro, pelo desconhecimento síncrono do materno e do racial, da preta e da mãe no caso desta mulher que cuidava da prole dos colonizadores. Cherki (2010) postula os silenciamentos e as denegações, próprios ao sistema colonial e às guerras pela revolução. Guerra (2021) demonstra o dementido e o recalque como operações de defesa contra o real do gozo, como base constitutiva da dimensão histórica do processo de racialização como condição estrutural da Modernidade.

A partir do trabalho investigativo nesta dissertação, percebi o que Lacan (2003b) chamou de “*Rature d’aucune trace qui soit d’avant, c’est ce qui fait terre du litoral*”, ao passo em que, tal qual a letra em *Lituraterra*, definida como nenhum traço anterior, fazendo a terra do litoral, a escrevivência parece se esforçar por acomodar o que desse discurso hegemônico, resta como gozo que rasura a terra. Talvez, então, as três operações se presentifiquem, e por isso a saída não seja assim tão fácil de ser encontrada e o que se pode

fazer seja ir desnudando o gozo operante no discurso.

“*Rature d’aucune trace qui soit d’avant*”, porque em 1890 o advogado, jurista e ex-ministro da Fazenda do então presidente Deodoro da Fonseca, determinou que fossem queimados os livros de matrícula, de controle aduaneiro e recolhimento de impostos incidentes na escravização. Quem nasce no Brasil e tem pele preta teve sua história africana negada, havendo aí uma pergunta geracional que está permanentemente em aberto. Porque aqui, a colonização ainda é tomada por um viés messiânico, mesmo ela despertando espectros e modificando nossa experiência de existir no espaço e no tempo, o modo como diferenciamos o passado, o presente e sonhamos o futuro, mesmo que para muitos a colonização esteja recolhida no passado. As pessoas pretas, se partirem dos registros oficiais, não têm o que lembrar, nem como fazê-lo, daí as outras modalidades de rememoração - a citar a própria oralidade e a espiritualidade das religiões de matriz africana que seguem presentificando os que já foram, sob as figuras dos exus, pretos velhos e pretas velhas, caboclas e caboclos, pombas-gira, erês - que nos ajudam ainda hoje em nossas jornadas. Ou ainda as invenções escrevíveis, que Evaristo (2020b) aponta ocorrer no espaço entre o acontecimento e o relato.

Nesse sentido, assim como a letra que não tem uma escrita primordial, sendo necessário inscrevê-la permanentemente no discurso, o colonizador parece ser aquele que também precisa ser reescrito, porque não cessa de não se escrever. A escrevivência se torna, então, uma escrita de uma vivência coletiva que retifica o Outro da cultura, visto que a história brasileira é uma história do adormecimento. A escrevivência acaba por inscrever o corpo na história e a história no corpo, criando possibilidades do sujeito se vislumbrar, se reconhecer e se identificar, escrevendo a própria história, um certo universalismo no particular ou um singular que parece inscrever um coletivo, analistotelicamente.

Lacan (2007) nomeia Joyce como desabonado, havendo em “Joyce, o sintoma”, um

“*desabonamento do inconsciente*” (p. 162), para dizer da distinção do que seria dizer “Joyce, o símbolo”, como cita, indicando a estrutura subjetiva do escritor, não assinante do inconsciente, sendo a arte fiadora de uma amarração singular possível. Será que para as pessoas pretas brasileiras, no caso da história da colonização portuguesa no Brasil, eu não poderia pensar em um desabonamento da história? Se, sim, a escrevivência entraria como a escrita do que não está escrito, portanto do que não existe, denotando a rasura de nenhum traço anterior. A escrevivência, assim, forçaria uma (re)inscrição e daria uma outra localidade para o gozo, ao não somente bordejá-lo, mas desvelá-lo.

O comentário de Lacan (1992), da asserção filosófica de Ludwig Wittgenstein, versa sobre “o empreendimento de postular que não há verdade que não esteja inscrita em alguma proposição de articular o que, do saber como tal – sendo o saber constituído por um fundamento da proposição -, pode funcionar rigorosamente como verdade” (p. 61).

Psicanaliticamente falando, trata-se do fato de que não se pode falar em sentido, dispensando o gozo, uma vez que, como bem aponta Lacan neste seminário, a verdade é irmã do gozo.

Desta maneira, a implicação de um fato instituído como verdadeiro se dá pela via do encadeamento significante, que de saída não se encontra, mas se articula a partir de uma álgebra discursiva, a depender do que ocupa o lugar do agente, aqui tomo a branquitude.

Portanto, a *lituraterra* se aproxima de uma leitura da escrevivência, para além da literatura, vez que, pela promoção do despertar do sono que pela via do sonho, trata algo do gozo, foi possível depreender uma descontinuidade que somente a letra como litoral permite. E no caso da escrevivência evaristiana a borda do gozo é relativa a este domínio colonial sustentado pelo racismo, ou seja, o próprio discurso hegemônico emergente.

Entretanto, no que considero finalmente, importa-me muito evidenciar que a escrevivência não se resume a uma genuína tragicidade, que ao longo da obra evaristiana

apenas muda seu estilo literário, tipo textual, foco narrativo, cenário e elenco, mas mantém a constância restritiva de uma vulgaridade sensacionalista de poças de sangue negro espalhado pelas ruas e pelas favelas. Minha intensão foi a de um zelo investigante que não se distanciasse do que pude extrair enquanto textos e subtextos da escrevivência. Tentei caminhar ao lado de Conceição Evaristo pela psicanálise, sem perder de vista que a escrevivência para mim tem um lugar de pertença e que “apesar das acontecências do banzo²⁸”, poema da escritora que cito, “a pesar sobre nós, há de nos aprumar a coragem.

Murros em ponta de faca (valem) afiam nossos desejos neutralizando o corte da lâmina.” Nesse sentido, a escrevivência cada vez mais tem sido usada também como metodologia de pesquisa.

A escrevivência é uma *lituraterra* porque é uma invenção, que forçosamente é o que cada sujeito preta precisa fazer, *lituraterrando* o saber sobre si, sobre o mundo e o gozo que, tanto lhe cabe singularmente em suas ficções subjetivas escritas por seu traço único, quanto lhe interpela por ser brasileirovida.

²⁸ Escrito no livro de poemas *Poemas de recordação e outros movimentos*, em sua terceira edição publicada em 2017, p.119.

REFERÊNCIAS

- Alencastro, L. F. Epílogo. (1997). In: *História da vida privada no Brasil* – volume 2. p. 440. Companhia das Letras.
- Almeida, S. (2019). *Racismo Estrutural*. Pólen.
- Andrade, C. S. de. (2013) A interpretação analítica e a escrita poética chinesa *jurídicos* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Andrade, C. S. de. (2019). Feminismo Negro – Do lixo à Letra. In Santos, T. C. dos., Santiago, A. L. & Oliveira, F. L. G. (Ogs.), *Reconfigurações do imaginário século XXI*. (pp. 210-229). CRV.
- Arrivé, M. (2001). *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*. Zahar.
- Azevedo, A. M. (2018). *Samba: um ritmo negro de resistência*. Ver. Inst. Estd. Bras., (70). <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i70p44-58>
- Badiou, A. (2017). *Em busca do real perdido*. Autêntica. Barthes, R. (1987). *O prazer do texto*. Editora Perspectiva.
- Barzano, M. A. L. (2009). *Griôs: a sabedoria dos velhos africanos na cidade de Lençóis/BA*. Ensino em Re-Vista, 16(1), 245-257.
- bell hooks (2019). a margem como um espaço de abertura radical. In *Anseios*. (pp. 280-295). Elefante.
- Bernardino-Costa, J. (2018). Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. *Soc. Estado*. 33(1). <https://www.scielo.br/j/se/a/HBdmnKdkjFRXkWq9m6Ft8kP/abstract/?lang=pt>
- Campos, M. & Biachi, P. (2018). Conceição Evaristo. <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>. Recuperado em 11 de janeiro de 2021.
- Castro-Gómez, S. (2005). *La hybris del punto cero: ciência, raza e ilustración em la Nueva Granada (1750-1816)*. Pontificia Universidad Javeriana.
- Cherki, A. (2010) Post-colonial et psychanalyse: um éclairage clinique. *Raison présente*, 175, 33-39. https://www.persee.fr/doc/raipr_0033-9075_2010_num_175_1_4244
- Costa, A O. (2015). De palavras e inconsciente: a função da linguagem na origem da psicanálise. *Tempo psicanalítico*, 47(2), 69-89. Recuperado em 15 de abril de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Davis, Ângela. (1981). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo.

- Deiab, R. (2006). *A mãe-preta na literatura brasileira: a ambiguidade como construção social (1880-1950)*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. BibliotecaDigital de Teses e Dissertações da USP. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-04092007-123741/publico/TESE_RAFAELA_ANDRADE_DEIAB.pdf
- Dussel, Enrique (1992/1993). *1492: o encobrimento do outro. A origem do “mito da modernidade”*. Editora Vozes.
- Evaristo, C. (2014). *Olhos D’água*. Pallas.
- Evaristo, C. (2016). *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Malê. Evaristo, C. (2017). *Histórias de leves enganos e parecenças*. Malê. Evaristo, C. (2019). *Becos da Memória*. Pallas.
- Evaristo, C. (2019). *Ponciá Vicêncio*. Pallas.
- Evaristo, C. (2020a). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Org.). *Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. (pp.48-57). Mina Comunicação e Arte.
- Evaristo, C. (2020b). A escrevivência e seus subtextos. In: Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Org.). *Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. (pp.26-47). Mina Comunicação e Arte.
- Evaristo, C. (2021). CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência [Vídeo] Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Recuperado em 04 de janeiro de 2022.
- Fanon, F. (1956). *Racismo e Cultura*. In: Manoel, J. & Landi, G. (Org.). *Revolução Africana uma Antologia do Pensamento Marxista*. (pp. 46-57). Autonomia Literária.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. (Renato da Silveira, Trad.). Fator. Trabalho original publicado em 1952)
- Fingermann, D. (2013). Resposta a uma letra em instância. *Stylus* (Rio de Janeiro), (26), 123-131. Recuperado em 15 de abril de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2013000100013&lng=pt&tlng=pt.
- Fonseca, M. N. S. (2020). Escrevivência: sentidos em construção. In: Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Org.). *Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. (pp.10-26). Mina Comunicação e Arte.
- Foucault, M. (1978). Aula de 5 de abril de 1978. In *Segurança, Território, População – Curso dado no Collège de France (1978-1979)* (pp. 449-489). MartinsFontes.
- França, J. M. C. (1996). O negro no romance urbano oitocentista. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. p.99.
- Freud, S. (1969). *Psicologia de grupo e análise do ego*. (J. Salomão, Trad.) Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

- Freud, S. (1974). Os instintos e suas vicissitudes (J. Strachey, Ed. & Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. (Jayme Salomão Trad.) Imago. (Trabalho original publicado em 1900-01).
- Freud, S. (2014a). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. (Renata Dia Mundt, Trad). Zahar. (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (2014b). Conferências Introdutórias à Psicanálise. (Sérgio Tellaroli Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-17).
- Freud, S. (2017a). *O escritor e a fantasia*. (Paulo César de Souza Trad.) Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2017b). O chiste e a sua relação com o inconsciente. (Paulo César de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Gonzalez, L. & Hasenbalg, C. (1982). *Lugar de negro*. Marco Zero.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e Sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244.
- Grosfoguel, Ramón (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31(1), 25-49. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>
- Guerra, A. (2021). a psicanálise em elipse decolonial. In *a psicanálise em elipse decolonial*. (pp. 253-278). N-1 Edições.
- Guerra, Andréa C. G.; Ribeiro, Cristiane S.; Jorge, Enrico M. P.; Bispo, Fábio S.; Souza, Marcela F.; Rosa, Nayara P. F.; Mendonça, Renata L. F.; Penha, Sonia R. & Santos, Tayná C. P. (2021). Ocupação antirracista e decolonial do espaço psicanalítico. *Quaderns de Psicologia*, 23(3). <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1787>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019). Atlas da violência 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf
- Jorge, M. A. C. (2005). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*, vol. 1: as bases conceituais. Zahar.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.

- Lacan, J. (1976-77). *Le Séminaire, livre 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile a mourre*. Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Zahar. (Trabalho original proferido em 1969-70).
- Lacan, J. (1998a). A ciência e a verdade. In *Escritos* (pp. 869-892). (V. Ribeiro, Trad.)Zahar. (Trabalho original publicado em 1965-66).
- Lacan, J. (1998b). O seminário sobre “A carta roubada”. In *Escritos*. (pp. 13- 66) (V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J. (1998c). A instância da letra ou a razão desde Freud. In *Escritos*. (pp. 496-536) (V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J. (1998d). Função e Campo. In *Escritos* (pp. 238-324). Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1999). *O seminário: livro 5: as formações do inconsciente*. (V. Ribeiro, Trad.) Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58).
- Lacan, J. (2003a). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. (Trabalho original publicado em 1960). In *Outros Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (2003b). Lituraterra. In *Outros escritos* (pp. 15-25). (V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2003c) Radiofonia. (Trabalho original apresentado em 1970). In *Outros Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (2003d). *A identificação: seminário 1961-62*. (I. Correa e M. Bagno, Trans.). Centro de Estudos Freudianos de Recife. (Trabalho original publicado em 1961-62).
- Lacan, J. (2003e). Televisão. (Trabalho original apresentado em 1973-74). In *Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (2007). *O seminário livro 23: o sinthoma*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-76).
- Lacan, J. (2008a). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original proferido em 1964).
- Lacan, J. (2008b). O mito individual do neurótico (1954). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2010a). *O seminário livro 8: a transferência*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-61).
- Lacan, J. (2010b). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-56).

- Lacan, J. (2012). *O seminário livro 19: ... ou pior*. Zahar, (Trabalho original publicado em 1971-72).
- Lacet, Cristine. (2003). Considerações sobre a letra e a escrita na clínicapsicanalítica. *Estilos clin.* 2003, 8(14), 50-59.
- Laurent, E. (2003). A carta roubada e o voo sobre a letra. In J. A. Miller (Org.), *La experiencia de lo real em la cura psicoanalitica* (pp.22-33). Paidós.
- Machado, B. A. (2013). Caminhos editoriais na trajetória intelectual de Conceição Evaristo. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal.
- Mandil, R. (2003). Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce. Contra Capa Livraria. Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. N-1 Edições.
- Miller, J. A. (2000). *A erótica do tempo*. Escola Brasileira de Psicanálise.
- Miller, J.A. (2011). *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: Entre desejo e gozo*. Zahar.
- Milner, J. C. (1995). *A Obra Clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Zahar. Moreira, A. (2019). *Racismo Recreativo*. Editora Jandaíra.
- Nunes, I. R. (2020). Sobre o que nos move, sobre a vida. In. Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Org.). *Escrivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. (pp.10-26). Mina Comunicação e Arte.
- Oliver, K. (2004). *The colonization of psychic space: a psychoanalytic social theory of oppression*. University of Minnesota Press.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of world-systems research*, 11(2).
- Quijano, A. (2002). Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, 17(37).
- Quijano, A. (2017). Colonialidad del poder y subjetividade em América Latina. In María Castañola y Mauricio Gonzalez (Orgs.), *Decolonialidad y psicoanálisis*. (pp. 11-34). Navarra.
- Rabinovich, D. S. (2001). *O psicanalista entre o mestre e o pedagogo*. Cadernos de Psicologia. Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 11(1).
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-71282003000100005&lng=pt&nrm=iso
- Rancière, J. (1995). *La méésentente: politique et philosophie*. Galilée. Rancière, J. (2021). *Aisthesis: Cenas do Regime Estético da Arte*. Ed. 34.
- Ritvo, J. B. (2000). O conceito de letra na obra de Lacan. In *A prática da letra*. Escola da Letra Freudiana.

Rodrigues, I. N. (2020, Dezembro, 14). *Fantasmagoria como memória histórica: crítica pós-colonial da construção do passado* [Vídeo]. YouTube. Recuperado em 10 de abril de 2021, de <https://youtu.be/Rb0nT8XGa6w>

Rosa, M. (2011). *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro*. Scriptum Livros.

Saussure, F. (2006). *Curso de Linguística Geral*. (Charles Bally e Albert Secheharye Org.). Cultrix.

Segato, R. L. (2006). O Édipo brasileiro: A dupla negação de gênero e raça. <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie400empdf.pdf>. Recuperado em 15 de dezembro de 2022.

Teles, G. M. (2021). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Edição Ampliada. Vieira, M. M. R. (2002). Clínica psicanalítica, investigação, escritos e escritores. *Almanaque/Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais*, v.8, pp. 51-56.